



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

CAIO CÉSAR GOMES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA FESTA DO ROSÁRIO PARA A CULTURA POMBALENSE
(Pombal-PB, Séculos XVIII-XXI)**

**Cajazeiras
2023**

CAIO CÉSAR GOMES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA FESTA DO ROSÁRIO PARA A CULTURA POMBALENSE
(Pombal-PB, Séculos XVIII-XXI)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Dra. Ana Lunara da Silva
Morais

CAJAZEIRAS
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

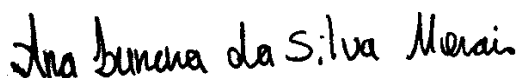
S725i	<p>Sousa, Caio César Gomes de. A importância da Festa do Rosário para cultura pombalense (Pombal - PB, Séculos XVIII- XXI) / Caio César Gomes de Sousa. – Cajazeiras, 2023. 71f. : il. Color. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Ana Lunara da Silva Morais. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Festa religiosa. 2. Festa do Rosário de Pombal- Paraíba. 3. Cultura pombalense. 4. História de Pombal- Paraíba. 5. Igrejas Católicas. 6. Sociedade pombalense. 7. Sincretismo religioso. 8. Grupos folclóricos - festa do Rosário. 9. Sincretismo-Pombal - PB. I. Morais, Ana Lunara da Silva. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 2-562(813.3)

CAIO CÉSAR GOMES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA FESTA DO ROSÁRIO PARA A CULTURA
POMBALENSE (Pombal-PB, Séculos XVIII-XXI)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade
Federal de Campina Grande (UFCG),
como cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
Licenciando em História.
Orientadora: Dra. Ana Lunara da Silva
Morais

Aprovado em 05/12/2023



Dra. Ana Lunara da Silva Moraes UFCG
(orientadora e presidente da banca)



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
UFCG (Examinador)



Profa. Dra. Janaína Valéria Pinto Camilo
UFCG (Examinadora)

Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior
UFCG (Examinador – Suplente)

CAJAZEIRAS-PB
2023

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos que
contribuíram de forma direta e indireta
para a realização do meu curso que muito
sonhava alcançar essa grande vitória*

*“Nada do que vivemos tem sentido, se não
tocarmos o coração das pessoas.”
Cora Coralina*

AGRADECIMENTOS

É com grande alegria, que apresento esta monografia, para o término, desse curso de Licenciatura em História.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, e a Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo dom da vida, e pelas vitórias e conquistas, que obtive durante minha vida.

Agradeço também a todos os professores desta grande instituição de ensino UFCG, aonde consegui bastante conhecimento, tanto para minha vida, como também, para minha carreira profissional, que tenho pela frente.

A minha orientadora Ana Lunara, que através de sua orientação, me ajudou bastante, para o desenvolvimento desta monografia.

A Banca examinadora, que irá analisar o meu trabalho, que Deus abençoe a todos.

A Todos os meus amigos e colegas, que conheci nesta instituição de ensino, na qual através deles, senti mais alegria e vontade de continuar este curso, até a conclusão que está sendo agora.

Aos meus pais, Cicero Martins de Sousa e Salete Martins Gomes, que me apoiaram e me incentivaram a seguir em frente em busca dos meus sonhos.

Ao apoio recebido de toda minha família, inclusive das minhas tias e primas, que também me incentivaram a seguir em frente em busca da conclusão deste curso.

Aos escritores e historiadores pombalenses, que através de suas obras bibliográficas, foi possível para mim desenvolver esta pesquisa, que resultou nesta monografia, que estou agora apresentando a esta instituição de ensino.

A Todos os meus amigos e colegas de ônibus, da cidade de Pombal, que me acompanharam nessas viagens de ida e volta de Pombal a Cajazeiras, todos os dias, em que precisei comparecer a Universidade para assistir aulas, em todos estes anos da graduação.

E a Nossa Senhora do Rosário, santa protetora, de todas as pessoas da cidade de Pombal. E a ela é dedicada o maior evento festivo e religioso, do município, que rendeu esta brilhante monografia, que tive o prazer de desenvolver.

E a todos os demais muito obrigado, por tudo o que pude viver no CFP desta importante instituição de Ensino Superior UFCG, Campus de Cajazeiras.

Muito Obrigado!

LISTA DE MAPAS

1 Mapa.....	13
-------------	----

LISTA DE FOTOS

Foto 1	31
Foto 2	47
Foto 3	52

RESUMO

A Festa do Rosário é uma festa centenária que acontece todos os anos na cidade de Pombal, representando uma verdadeira manifestação de fé e devoção à virgem do Rosário. Esse evento não se trata apenas de uma festa religiosa católica, pois mistura elementos da cultura afrodescendente. Depois das missas realizadas durante as noites de novenas, ocorre a principal atração da festa: as apresentações dos grupos folclóricos da cidade. A saber: os congos, os pontões, e os reisados. Este trabalho analisa a construção da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, cidade do Estado da Paraíba, como evento cultural, social e religioso, a partir das suas riquezas e diversidade folclórica de matrizes africanas. Para tanto, se apoiou na larga produção sobre a festa do Rosário: Araújo, (1998, 1999, 2010, 2020, 2021), Ferreira (2014) e Figueiredo (2014). Ademais, busca-se compreender a formação da Irmandade do Rosário e apresentar os grupos folclóricos mencionados, com enfoque no sincretismo religioso, tendo como suporte teórico os conceitos de identidade (ORTIZ, 1994) e representação (CHARTIER, 1991).

Palavras-Chave: Festa do Rosário, expressão cultural, grupos folclóricos, sincretismo, Pombal-PB.

ABSTRACT

The Festa do Rosário is a centuries-old festival that takes place every year in the city of Pombal, representing a true manifestation of faith and devotion to the Virgin of the Rosary. This event is not just a Catholic religious festival, as it mixes elements of Afro-descendant culture. After the masses held during the novenas nights, the main attraction of the festival takes place: performances by the city's folkloric groups. Namely: the congos, the pontoons, and the reisados. This research seeks to analyze the construction of the Festa de Nossa Senhora do Rosário in Pombal, a city in the State of Paraíba, as a cultural, social and religious event, based on its richness and folkloric diversity of African origins. To this end, it will rely on the large body of production on the Rosary festival: Araújo, (1998, 1999, 2010, 2020, 2021), Ferreira (2014) and Figueiredo (2014). Furthermore, we seek to understand the formation of the Irmandade do Rosário and present the folklore groups mentioned, focusing on religious syncretism, using the concepts of identity (ORTIZ, 1994) and representation (CHARTIER, 1991) as theoretical support.

Keywords: Festa do Rosário, cultural expression, folklore groups, syncretism, Pombal-PB.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: HISTÓRIA DE POMBAL	13
1.1 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE POMBAL-PB	13
1.2 DO NUCLÉO DE POVOAMENTO/VILA: A CONDIÇÃO DE CIDADE.....	144
1.3 A SOCIEDADE POMBALENSE NO PERÍODO COLONIAL	16
1.4 A MÃO DE OBRA DE PESSOAS ESCRAVIZADAS NA ATIVIDADE ECONOMICA DA VILA DE POMBAL	19
CAPÍTULO II: UM OLHAR SOBRE A POMBAL DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	26
2.1 A PRESENÇA DO BARROCO NAS IGREJAS CATÓLICAS DOS SÉCULOS XVII E XVIII NO BRASIL COLONIAL	28
2.2 A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMBAL-PB.....	30
2.3 UM RELATO SÓCIOHISTÓRICO DA FESTA DO ROSÁRIO	34
2.4 A HISTÓRIA DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE POMBAL.....	35
2.4.1 OS COMPROMISSOS DA IRMANDADE PARA COM A PARÓQUIA DE POMBAL	37
2.4.2 A IRMANDADE NO CONTEXTO DA FESTA DO ROSÁRIO DE POMBAL	40
CAPÍTULO III: O SINCRETISMO RELIGIOSO.....	43
3.1 O SINCRETISMO RELIGIOSO E AS CARACTERÍSTICAS DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS DE MATRIZES AFRODESCENDENTES NA FESTA DO ROSÁRIO DE POMBAL	45
3.2 A IDENTIDADE NEGRA E AS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS DOS PONTÕES, CONGO E REISADO	46
3.2.1 CARACTERÍSTICAS FOLCLÓRICAS DOS CONGOS	49
3.2.2 CARACTERÍSTICAS FOLCLÓRICAS DOS PONTÕES	50
3.2.3 CARACTERÍSTICAS FOLCLÓRICAS DO REISADO	51
3.3 A FESTA DO ROSÁRIO COMO RESISTÊNCIA CULTURAL AFROBRASILEIRA.....	52
3.4 A FESTA DO ROSÁRIO NA CIDADE DE POMBAL-PB	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

A cultura popular, manifestada a partir das suas raízes locais e populares, é um fator determinante para a construção da identidade sociocultural de um povo. Esses laços culturais ficam mais evidentes quando se trata de manifestação religiosa, principalmente quando trazem consigo movimentos culturais antigos. Ao longo do processo de formação da sociedade brasileira, várias manifestações de caráter religioso surgiram e em todas a identidade popular local se fez presente.

Durante o período colonial e imperial no Brasil, a Igreja Católica foi responsável pela criação de vários movimentos de manifestação religiosa, sobretudo, nos primeiros núcleos urbanos, onde se concentravam um número significativo de indivíduos. No entanto, são do período colonial as manifestações religiosas de outras matrizes ou raízes, como a africana e indígena, que, juntamente com os movimentos de caráter cristão/católico, deram origem a diversas celebrações religiosas em todo país num mister de cultura afro/cristão/indígenas (ORTIZ, 1994).

Essa monografia intitulada: *A Importância da Festa do Rosário para a Cultura pombalense (Pombal-PB, séculos XVIII-XXI)* tem como objetivo analisar a festa de Nossa Senhora do Rosário (festa do Rosário) da cidade de Pombal, Estado da Paraíba, através de relatos publicados, demonstrando a história cultural e social dessa manifestação religiosa ao longo dos anos. O interesse por essa temática parte da observação referente a festa do rosário e sua importância cultural, artística, religiosa e econômica para a cidade de Pombal. Vale destacar que essa festa é reconhecida como patrimônio cultural e religioso do município e do Estado, sendo uma das mais antigas manifestações religiosas da Paraíba e do Brasil.

A história da cidade de Pombal está intimamente relacionada com as festividades do Rosário, que acontece durante o mês de outubro de cada ano. Conhecida como Festa do Rosário, teve início em 1895, quando foi reconhecida a irmandade do Rosário pela então diocese de Olinda, Pernambuco, que emitiu autorização para receber doações destinadas aos reparos e manutenção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

A origem da festa do Rosário surgiu na irmandade de mesmo nome que na ocasião foi autorizada a receber e arrecadar doações para a manutenção e reparos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, antiga Matriz do Bom Sucesso. Assim, os primeiros atos da conhecida festa do Rosário de Pombal consistia nessa arrecadação e na missa rezada na antiga igreja. Nesse sentido, essa foi a ocasião propícia para a diversão em parques, jogos de azar, festas dançantes e consumo de bebidas alcólicas. Uma expressão da fé católica, que começou timidamente,

tomou espaço ao longo dos anos e tornou-se uma tradição, com novenas de missas e apresentações dos grupos folclóricos em frente à Igreja do Rosário de Pombal.

Esse trabalho busca uma melhor compreensão da importância da festa do Rosário e dos grupos folclóricos que a compõem, para a história e a cultura da cidade de Pombal. Uma festa que só existe graças a Irmandade do Rosário, e que hoje representa uma verdadeira expressão cultural do município.

Outro aspecto que esse trabalho focou foi a história da Igreja do Rosário de Pombal, administrada pela Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal, desde 1897, quando foi inaugurada a nova Igreja Matriz da cidade. A Igreja do Rosário também é um importante elemento simbólico e arquitetônico da história de Pombal, pois é a primeira Igreja construída em estilo barroco no sertão da Paraíba, em 1721.

Muitas pessoas se confundem achando que foi a Irmandade do Rosário que construiu a Igreja do Rosário, o que não corresponde à realidade. A atual Igreja do Rosário foi na verdade a primeira Igreja matriz da cidade de Pombal. Quem conduziu a construção dessa Igreja foi a Irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso, onde a maioria dos membros que compuseram essa irmandade eram os descendentes ou os próprios colonizadores que participaram da conquista do Arraial de Piranhas, durante o período de colonização dos sertões da Paraíba. (ROCHA, 2021).

Após a conquista do Arraial de Piranhas, por Teodósio de Oliveira Ledo por volta do ano de 1698, foi construída uma pequena igreja no ano de 1701 em homenagem à Nossa Senhora do Bom Sucesso. Para melhor informação, o local conquistado por Teodósio chamado Arraial de Piranhas é exatamente onde hoje está a cidade de Pombal. Não há mais vestígios da pequena igreja construída em 1701, a qual possivelmente arruinou-se. A dita igreja era bem próxima da que seria construída em 1721, que hoje é chamada de Igreja dos Negros do Rosário de Pombal, construída em 1721 pela Irmandade do Bom Sucesso para ser a primeira Igreja Matriz do Arraial de Piranhas sob a mesma invocação da Nossa Senhora do Bom Sucesso, hoje Santa Padroeira da cidade de Pombal. Essa foi a primeira Igreja em estilo barroco nos sertões da Paraíba e a cidade de Pombal recebeu de herança esse importante monumento histórico em seu município. Quem hoje administra essa Igreja é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Na frente da igreja é onde se realiza, nas primeiras semanas de outubro, a centenária Festa do Rosário.

Esse evento não se trata apenas de uma festa religiosa católica, pois mistura elementos do catolicismo com aspectos da cultura afrodescendente. Depois das missas realizadas durante as noites de novenas ocorre a principal atração da festa: a apresentação dos grupos folclóricos

da cidade. A saber: A Irmandade do Rosário, os congos, os pontões, os reisados entre outros. Essa trabalhou buscou analisar a construção da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, cidade do Estado da Paraíba, como evento cultural, social e religioso, a partir das suas riquezas e diversidade folclórica de matrizes africanas.

A problemática dessa pesquisa surgiu durante o curso de história na Universidade Federal de Campina Grande (CFP-UFCG), a partir da observação acerca da importância da festa de Nossa Senhora do Rosário no contexto histórico da cidade de Pombal, com enfoque no sincretismo religioso e na importância da cultura negra através dos grupos folclóricos. Nesse entendimento, os pontos que nortearam esse estudo foram baseados no contexto histórico, cultural e das relações da sociedade pombalense ao longo do tempo.

A temática se justifica pelo fato de ser a festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal ser um dos principais eventos religiosos da história da Paraíba e um dos primeiros desse gênero no Nordeste brasileiro. Assim como, trabalhar com o contexto histórico é importante para se documentar a memórias de um povo. Por ser uma das principais manifestações religiosas do interior da Paraíba, dissertar sobre a festa do Rosário, desperta o interesse pelo seu rico acervo histórico que servem de fonte referencial a esse trabalho assim como outros que foram construídos ou virão a ser a partir dessa temática.

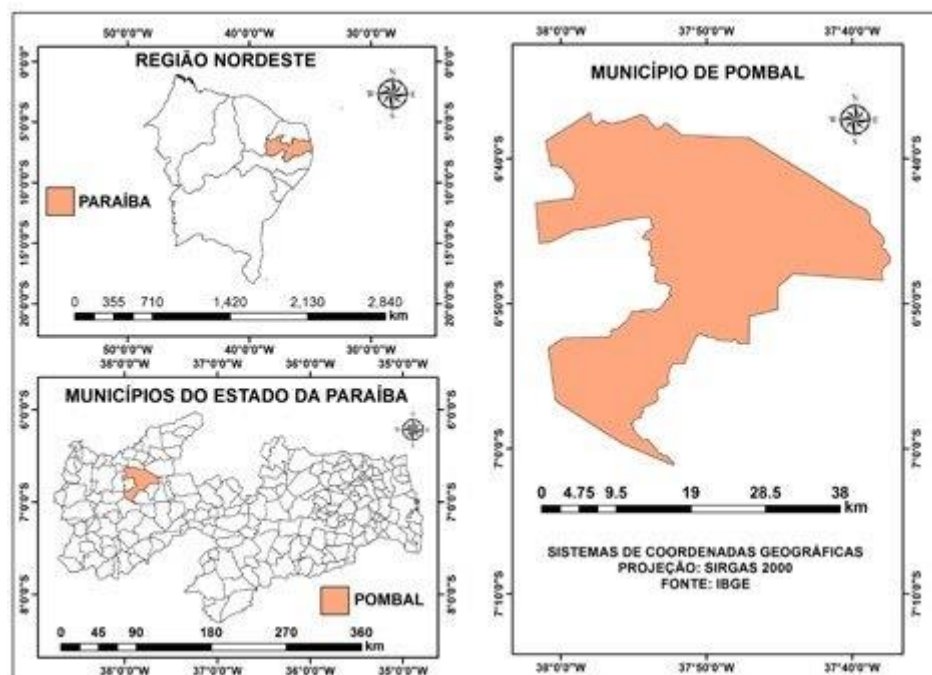
Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em três capítulos. O primeiro, intitulado *História de Pombal*, faz uma abordagem a respeito da formação da sociedade pombalense do Brasil colônia, incidindo sobre formação social e econômica e o uso de pessoas escravizadas como mão-de-obra. O segundo capítulo, nomeado *um olhar sobre a pombal do final do século XIX e início do século XX*, faz uma exposição da cidade de Pombal entre os séculos XIX e XX. No terceiro capítulo, intitulado *O sincretismo religioso*, destaca-se a coexistência entre a religião cristã católica e as de matrizes africana dentro do contexto da festa do Rosário de Pombal.

CAPÍTULO I: HISTÓRIA DE POMBAL

1.1 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE POMBAL-PB

Pombal é um município do Estado da Paraíba localizado a 385 km da capital João Pessoa a qual está ligado pela BR 230, principal via rodoviária do Estado. A cidade está inserida no bioma da caatinga, seu território é cortado pelos rios Piranha-Açu e Piancó e apresenta um clima quente e seco com chuvas escassas e índice pluviométricos 800 ml/aa. Sua área territorial é de 894,099 km², sendo o segundo município mais extenso do Estado em área territorial e de acordo com o censo demográfico de 2022 a população é de 32.473 habitantes com uma densidade demográfica de 33,32 hab/km² (IBGE, 2022).

MAPA 1: Localização do Município de Pombal Estado da Paraíba



Fonte CRISPIM, Diego Lima 2017

O município está inserido na mesorregião geográfica do Sertão da Paraíba, região geográfica intermediária de Patos e região geográfica imediata de Pombal. Se limita com: a leste São Bentinho, Condado e Cajazeirinhas, Ao Sul com Coremas e São José de Lagoa Tapada, Ao Oeste com São Domingos, Aparecida e São Francisco, Ao Norte Com Santa Cruz, Lagoa e Paulista (IBGE, 2022).

Pombal é um dos principais centros urbanos do Estado da Paraíba pelo seu conceito histórico e populacional sendo a quarta maior cidade do sertão em número de habitantes,

estando atrás de Patos, Sousa e Cajazeiras respectivamente. Também se destaca pelo seu patrimônio histórico e cultural sobretudo de caráter religioso localizado no centro da cidade como: a Igreja de Nossa senhora do Rosário, datada de 1721, o cruzeiro, coluna da hora, o conjunto de praças na área central da cidade e a Igreja de Nossa senhora do Bom sucesso (IBGE, 2022).

Nas tradições culturais, o município se destaca pela centenária festa do Rosário, a irmandade dos congos, reisados e dos pontões, grupos de cultura afro que se apresentam tradicionalmente durante os festejos do rosário com danças folclóricas. No cenário econômico, o município tem sua base nos setores primários, secundários e terciários. A base da atividade econômica é a agricultura de subsistência, a pecuária, mas, concentra indústria de médio e pequeno porte em vários seguimentos, sobretudo, alimentício. Outra atividade econômica com bastante relevância é o setor de serviço e comércio que é responsável por grande parte da mão de obra ativa do município (IBGE, 2022).

1.2 DO NÚCLEO DE POVOAMENTO/VILA: A CONDIÇÃO DE CIDADE

A história da fundação de Pombal inicia-se em 1695 com a chegada do capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo ao então sertão do Piranhas, mais precisamente na localidade denominada de Arraial do Piancó. O objetivo do capitão era fundar na localidade uma povoação, mas, devido à presença de algumas tribos indígenas que habitavam a região, como tapuias, tribos Tarairiús, Curemas e Panatis, que habitavam a região, a fundação do povoamento não foi realizada no primeiro instante (POMBAL, 2023).

Já em 1697 o capitão-mor em viagem a capital da Parahyba solicita ajuda das forças militares, mantimentos, armamentos e ajuda ao então capitão-mor de capitania Manoel Soares de Albergaria para expulsar os nativos do lugar e assim realizar a construção do então núcleo de povoamento na região. Após receber apoio, Teodósio retorna à localidade e funda em 27 de julho de 1698 a Povoação de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó (Pombal) (POMBAL, 2023).

O então povoamento teve sua emancipação política e elevada à categoria de Vila no dia 04 de maio de 1772 a qual também muda de nome e passou a ser chamada de Vila Nova do Pombal, nomenclatura escolhida em homenagem a cidade portuguesa de mesmo nome. Nesse mesmo período, cria-se a câmara de vereadores da vila, por meio da qual se nomeou o capitão-mor Francisco de Arruda Câmara como o primeiro administrador da então Vila do Pombal (POMBAL, 2023).

Em 22 de julho de 1766, por meio de carta régia, a Vila de Pombal, assim como todas as demais da época deveriam ser nomeadas com nomes de cidades portuguesas o que desconstrói a tese de que o nome da Vila é em homenagem ao então primeiro-ministro de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal. Mas, vale destacar que foi através do marquês de Pombal que o Rei Dom José I assina a carta régia que dá origem a outras vilas na área de jurisdição da governança de Pernambuco que incluía a capitania da Parahyba.

Em 1678 o Governador da Capitania da Paraíba era Alexandre de Sousa Azevedo. Ao inteirar-se das atividades colonizadoras do sertanista baiano, o governador convidou Antônio de Oliveira Ledo para fazer uma entrada no sertão em missão de reconhecimento. Foi essa a primeira entrada empreendida nos sertões da Paraíba. Por sua intrepidez Antônio de Oliveira Ledo recebeu o posto de Capitão de Infantaria da Ordenação do Sertão da Paraíba, carta patente assinada pelo então governador geral do Brasil, Roque da Costa Barreto, a 6 de fevereiro de 1682 (ARAÚJO, 2020, p. 10).

A expedição de fundação do povoado e depois vila de Pombal foi uma das primeiras a desbravar o sertão. Como de costume, essas entradas tinham como característica seguirem o curso dos rios. Com a conquista dos sertões do Piranha e Piancó houve um crescimento no número de pessoa que buscaram constituir residências nessas localidades, muito em conta do desenvolvimento da cultura bovina extensiva que passou ser a principal fonte econômica da região. Segundo Rocha, “Com a conquista dos sertões muitas pessoas apostaram na sorte e buscaram constituir residência nesse lugar com o intuito de lograr êxito, sobretudo pelo desenvolvimento da cultura do gado nas fazendas interioranas” (ROCHA, 2021. p. 41).

Foi em 13 de janeiro de 1701, que uma carta régia autorizou a construção da primeira igreja na localidade do então Arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Pinhacó (Piancó), sendo erguida de palhas e barro e com o tempo substituída por outra edificação de pedra e madeira, mais resistente. Segundo Sousa, “as primeiras comemorações se restringiam ao ato dos Mesários da Confraria percorrerem a feira arrecadando recursos financeiros, a singeleza da Procissão do Rosário [...] e à solenidade da Missa dentro da velha igreja” (SOUSA, 2002, p. 43).

A formação administrativa de Pombal inicia-se com a elevação da Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó a categoria de cidade por carta régia em 22 de junho de 1766, como dito anteriormente. No entanto, em 1772 foi elevada à categoria de cidade, e depois, sede de município em 21 de julho de 1862, já com a denominação de Pombal, permanecendo sem subdivisão territorial até o ano de 1933 (IBGE, 2023). Conforme Seixas, “A Carta Régia

de 22 de julho de 1766 é que autoriza o levantamento da vila com o nome de Pombal e na freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso”, “a povoação de Piranhas” (SEIXAS, 1962, p. 29).

Reconhecida como cidade sede, Pombal passa a concentrar diversas atividades nos mais variados setores, sendo a principal o comércio e a pecuária que cresceu na região, fator de atratividade e crescimento populacional. Conforme Sousa (2021. p. 22), a cidade de Pombal, no final do século XIX e início século XX, estava vivenciando um arcabouço de mudanças sociais com a chegada da República e de suas ideologias, gerando transformações sociais, entraves e embates políticos fervorosos.

Como afirma Sousa (2021. p. 22), “dentro dessa fácil dicotomia certamente houve impasses corriqueiros o que podemos dizer que a sociedade não passa por rupturas bruscas e rápidas no seu meio social brasileiro da época sem realocar e disputar lugares e espaços sociais políticos”. Nesse sentido, nota-se que a cidade apresenta nesse período forte transformação social, mas que também chegaram a outros campos do tecido pombalense como a política e ideológicos que já naquele momento da construção da identidade, apresentava discordância sobretudo, no cenário político da época. O momento apresentava lados opostos com grupos formados por abolicionistas, outro com liberais e outros que defendiam os ideais do Império, apoiando a manutenção do imperialismo.

1.3 A SOCIEDADE POMBALENSE NO PERÍODO COLONIAL

A sociedade sertaneja que ocupava o sertão nordestino durante o período do Brasil colônia era marcada por características distintas de outras regiões. Um dos fatores para essa afirmativa está relacionada ao modelo de sobrevivência e adaptação ao ambiente, como condições climáticas e distanciamento dos principais centros urbanos da época. Um dos modos de vivência da sociedade sertaneja nordestina daquela época estava nos modos e costumes do estilo de vida atrelados à condição financeira das pessoas. Enquanto uma pequena parcela das pessoas ostentava condição financeira de destaque, a maioria era de indivíduos com pouco ou nenhum recurso o que dificultava a sobrevivência em uma condição razoável de sobrevivência.

As terras do sertão continuavam despovoadas quando Teodósio recebeu a incumbência do governador da Paraíba para fundar o Arraial do Piancó. (...). Não havia nenhum interesse da parte de Teodósio de Oliveira Ledo em descobrir terras. Tudo ali já havia sido descoberto pelos seus ancestrais e pela célebre Casa da Torre da Bahia. O fato é que com as providências tomadas

pelo capitão-mor Teodósio, voltava a completa paz as terras das Piranhas. E novamente incrementaram a indústria pastoril e a lavoura. (...) Levara para o sertão sua própria família. (SEIXAS, 2004, p. 145).

Nesse sentido, a vila de Pombal também apresentava essas características com o poder socioeconômico nas mãos de uma pequena elite local, ligada à Coroa portuguesa. Nesse contexto, o perfil desse grupo que habitava Pombal era formado por senhores donos de grandes latifúndios rurais e com títulos de honraria como os coronéis, vale salientar que essa era uma época de escravidão e trabalho forçado e o poder financeiro era medido pela quantidade de empregados, números de pessoas escravizadas e posse de terras e de gado que o proprietário tinha como patrimônio.

Em 1678 o Governador da Capitania da Paraíba era Alexandre de Sousa Azevedo. Ao inteirar-se das atividades colonizadoras do sertanista baiano, o governador convidou Antônio de Oliveira Ledo para fazer uma entrada no sertão em missão de reconhecimento. Foi essa a primeira entrada empreendida nos sertões da Paraíba. Por sua intrepidez Antônio de Oliveira Ledo recebeu o posto de Capitão de Infantaria da Ordenação do Sertão da Paraíba, carta patente assinada pelo então governador geral do Brasil, Roque da Costa Barreto, a 6 de fevereiro de 1682 (ARAÚJO, 2020, p. 10).

Destaca-se que a sociedade brasileira, e conseqüentemente de Pombal, nas últimas décadas do século XIX vivenciavam um período de transição da monarquia imperial para a república, momento fortalecido pela política dita dos “coronéis” que reinavam principalmente no Nordeste, conforme a pesquisa seminal de Vitor Nunes Leal de 1949 (2012). No entanto, o ambiente social da maioria das pessoas da região era de extrema pobreza, fator agravado pelas secas, que por sua vez, ajudaram a fortalecer a política do coronelismo e suas influências no meio político local e conseqüentemente nas classes sociais de menor poder aquisitivos (LEAL, 2012).

Segundo Sousa,

O ambiente socioeconômico do município como também de todo o sertão paraibano, foi marcado pelo cenário de pobreza provocado pelas secas, favorecendo o domínio dos coronéis que passaram a exercer controle e influência sobre as classes sociais menos abastadas, através dos “favores” e dos programas de emergências implantados como medidas para amenizar o contexto de miséria no período das estiagens (SOUSA, 2021 p. 22-23).

Para deixar claro, a sociedade que ocupava os vales dos rios do Piranha/Piancó, foi a primeira a se estabelecer no Sertão da então Província da Parahyba, sendo o povoamento formado por pessoas que queriam adquirir terras para si naquela localização. A partir daí surgiu

uma sociedade com característica rural, mas que ao mesmo tempo, ocupavam as posições de destaque na administração dos serviços no núcleo urbano. Segundo o Antônio Roberto Carlos de Moraes, “[...] um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes” (MORAES, 2002, p. 361 e 362).

Durante o período colonial a sociedade sertaneja tinha uma visão de uma divisão social do espaço a partir do poder financeiro e do “prestígio dos abastados” diante dos demais indivíduos. Na Pombal colonial, era comum as ordens e o poder ser concentrado nas figuras dos coronéis que ali existiam, geralmente senhores de terras que mantinham a “mão de ferro” seu poder. Sempre ligados a Coroa portuguesa, esses concentravam a organização social onde a figura dos “coronéis” eram os detentores da ordem e sobre si, giravam os demais membros da sociedade pombalense. Conforme Seixas,

Tanto mais difícil ainda quando se sabia que a Vila de Pombal, por ser mais distante e maior territorialmente falando, do que as outras, e por isso as suas dificuldades tornar-se-iam maiores no que tangia aos serviços de transportes e correios. Gastavam-se vários dias na travessia de uma vila a outra [...] (SEIXAS 2004, p. 260).

Desse modo, entende-se que uma pequena parcela da população da Vila de Pombal durante esse período era detentora de bens e proprietária das terras. O restante da população era composto de pessoas sem recursos entre elas, os moradores das fazendas e as pessoas escravizadas, sendo esses últimos não reconhecidos como membros da sociedade por serem considerados como uma classe inferior a todas as demais. Essa divisão social verificada na Vila de Pombal seguia o mesmo padrão da sociedade do Brasil colônia (SEIXAS 2004).

Assim, os grandes fazendeiros formavam um grupo seletivo que na Vila de Pombal eram os comandantes da política local com forte influência no cenário da Província, a eles também eram delegadas funções como poder de polícia, domínio do comércio em geral e financeiro ao passo que eram eles quem tinham acesso direto ao centro da colônia e a província. A busca por lucros e em nome do avanço da “civilização” e catequização dos “outros”, escravizaram indígenas e negros africanos.

Na segunda metade do século XIX ocorreram grandes mudanças sociais tanto de caráter local, como nacional. Em termos locais, Pombal apresentou grandes problemas socioeconômicos que se agravaram com condições climáticas da região semiárida onde essa está inserida, mas por ações no ambiente político da região, principalmente por parte de quem estava no poder. Outro fator que determinou as dificuldades enfrentadas pela sociedade pombalense daquele período era a distância já que a Vila de Pombal e os demais núcleos

populacionais que ficavam distante de outras e a locomoção era por animais ou a pé, fator esse que dificultava a circulação não só de pessoas, mas de mercadorias que eram negociadas entres esses espaços populacionais.

Nesse contexto, era necessário para o transporte de mercadorias o uso de animais e em alguns casos, fazia-se uso da mão-de-obra forçada de pessoas escravizadas que ficavam encarregadas de levarem os produtos para outras localidades para serem comercializados (SEIXAS 2004), como desenvolvemos a seguir.

1.4 A MÃO DE OBRA DE PESSOAS ESCRAVIZADAS NA ATIVIDADE ECONOMICA DA VILA DE POMBAL

A escravidão no Brasil passou a acontecer, durante o período de colonização pelos portugueses, após eles invadirem e ocuparem essas terras. Primeiro foram escravizados os povos indígenas que já viviam nessas terras antes da chegada dos colonizadores, depois foram escravizados também os povos africanos, que foram trazidos para o continente americano, através do tráfico de pessoas, nos navios que atravessavam o oceano atlântico. Mesmo com a chegada dos escravizados africanos, muitos povos indígenas continuavam sendo escravizados pelos colonizadores. Embora não se tenha deixado de explorar sua força de trabalho, paulatinamente, introduziu-se o trabalho forçado de pessoas negras de origem africana, fruto do tráfico/comércio transatlântico de pessoas (SILVA, 2023).

Levando em conta os critérios usados pelos colonizadores quando se tratava da aquisição de ser humano para ser usado como escravizados, submetidos a trabalhos forçados no Brasil colonial, entende-se que esse processo era cruel e desumano. Desta forma, e pelo contexto histórico, não se pode amenizar o método usado para escravizar homens e mulheres, obrigados a trabalharem em condições precárias e sem nenhum direito de assistência.

Segundo Erykles Natanael de Lima Vieira,

Redundâncias ou avaliações simplistas que observavam a escravidão só na visão da captura e venda de cativos, sem observar para além disto outros aspectos, acabam por não perceber uma rede de relações e interrelações que abarcavam todo o sistema escravista, desde a coroa portuguesa até o comprador de escravos e, por fim, o escravizado. (VIEIRA, 2021, p. 2)

A presença de homens e mulheres negras vindos da África e posteriormente nascidos no Brasil colônia teve uma contribuição importante para a economia da colônia e da metrópole, que dependiam dessa mão de obra para a produção das atividades econômicas daquela época,

logo, para gerar lucros. O tráfico negreiro teve seu fortalecimento a partir da segunda metade do século XVII, impulsionada pelo modelo de ocupação escravagista que dominou grande parte das colônias da América Latina, sobre interesses de proprietários agrícolas e de uma classe de proprietários majoritariamente mercantis (SILVA, 2023)

Na província da Paraíba do Norte não foi diferente, quando se trata do uso da mão de obra escravizada, por seguir o mesmo critério que era usado na colônia. Desde a cultura da produção canavieira do litoral paraibano, a criação bovina nos sertões, todas elas tiveram no seu contexto, a importância da mão de obra escravizada para seu desenvolvimento. Segundo Silva:

Percebe-se que a figura do senhor, dono/proprietário do escravizado, no primeiro momento surge pela necessidade de aumento da produção agrícola com as principais matérias primas dessa terra, primordialmente dominadas até o século XVIII, pela produção baseada nas *plantations* de cana de açúcar e tabaco. Assim, a atividade comercial de venda e o aluguel de mão de obra escravizada era frequente no mercado dos portos. Inicialmente, cada produtor rural só comprava o necessário para suprir suas necessidades agrícolas, sendo que a oferta e procura dessa mão de obra escravizada estava em contínua ascensão (SILVA, 2023. p. 22).

Percebe-se que assim como no Brasil colônia, na Província da Paraíba do Norte, sobretudo no sertão, a presença dos fazendeiros que também eram os “donos dos escravos” tinha como objetivo exclusivamente o uso dessa mão de obra para seus privilégios. No primeiro momento, esse método foi usado nas culturas agrícolas e canavieira para o aumento da produção na região da Zona da Mata paraibana e posteriormente no sertão com a cultura do algodão, agricultura de subsistência e na pecuária.

A pecuária extensiva foi a atividade econômica com maior intensidade no sertão paraibano durante o período colonial e republicano. Durante o processo de ocupação, a criação de gado bovino tinha como objetivo a produção de charque para abastecer os engenhos canavieiros do litoral e esse tipo de produto primordial para os fazendeiros sertanejos já que movimentava a economia e gerava renda aos mesmos.

No entanto, mais precisamente com o período republicano, e sobretudo, no final do século XIX e início do século XX, a pecuária viria a gerar outro tipo de renda com a produção de couro para a fabricação de produtos derivados dessa matéria prima como celas de montarias, perneiras, gibões de couro que eram utilizados no manejo do próprio rebanho do gado nas fazendas e também vendidos em feiras livres da região.

Os grandes latifundiários, que constituíram as primeiras fazendas, com o sertanista Sargento-mor Antônio José da Cunha, em 1691, que tinha mais de 1.500 cabeças de gado vacum e cavalariço, povoando as terras às margens do Rio do Peixe Piranhas e reivindicando sesmarias, depois de tremendos combates com índios Ico-pequeno, foram: Luis Quaresma Dourado - Poço de Pedras; Custódio de Oliveira - Chabocão; Theodósio Alves de Figueiredo - Serra do Comissário; Manoel de Oliveira Ledo - Bom Sucesso, Araçás e Cais; Capitão Basílio Seixas São Gonçalo (PINTO, 2008, p. 41).

Durante o período colonial, a sociedade era majoritariamente rural, principalmente no interior do Nordeste do Brasil e tinha como maior fonte de sobrevivência a agricultura de subsistência, produção de cana de açúcar e pecuária extensiva de gado bovino. A Vila de Pombal, não era diferente, tendo sua economia baseada em grande parte nos mesmos moldes, mas, com a concentração de terras e renda em mãos dos grandes proprietários de terras.

Durante muito tempo os nativos (indígenas) que habitavam a região tiveram a pesca, caça e a coleta de frutas como sua principal atividade econômica de subsistência. No entanto, com a fundação do povoamento, vários conflitos entre os desbravadores e os nativos, sendo que esses últimos foram expulsos do local, veio também o fim de várias práticas culturais desses.

A forma de sobrevivência exercida pelos indígenas deu lugar a um modelo econômico baseado nos pilares do colonialismo europeu. Nesse contexto, a agricultura de subsistência passa a dividir espaço com a criação de gado bovino no formato extensivo e com a cana de açúcar para a produção de alimentos oriundos dessa cultura agrícola. Esse modelo de atividade econômica foi por muito tempo, o principal meio de sobrevivência dos habitantes do sertão nordestino no século XIX.

De acordo com Pinto (2008) Para o exercício das atividades de trabalho nas fazendas e na casa grande como era conhecida a casa de fazenda, os proprietários de gado contavam com a mão de obra escravizada sobretudo, daqueles escravos de maior porte físico. No entanto, essa mesma mão de obra era utilizada no cultivo das atividades agrícolas e na casa grande nos serviços domésticos.

É importante destacar que a sociedade que habitava a Vila de Pombal no século XIX, mantinha uma hierarquia assim como acontecia em todo sertão. Uma pequena parcela da sociedade pombalense da época era composta por grandes proprietários de terras e a outra formada por escravizados, vaqueiros e trabalhadores rurais que eram a mão de obra da atividade econômica local.

Por ser uma região isolada dos outros núcleos urbanos do litoral, os grandes fazendeiros e senhores do poder eram quem determinavam o modelo sócio administrativo da vila sempre mantendo poder político e social sobre a órbita de um pequeno circo de homens de alto poder

financeiro na localidade. Essa condição também gerou desgastes e rixas entre algumas famílias que comandavam a estrutura sociopolítica e econômica da vila.

É bem verdade que a presença do negro na vila de Pombal era muito importante para o desempenho da atividade econômica, ao passo de ser essa a principal mão de obra no cultivo da cana de açúcar, no manejo dos rebanhos bovinos e na produção de alimentos. Os escravizados não contavam com regimes de trabalho e sua jornada eram longas e exaustivas e na maioria das vezes provocava grandes danos a sua saúde física e mental. A presença do negro na Capitania da Paraíba era tão significativa que a classe letrada não podia ignorar de forma absoluta a sua participação na sociedade (SANTOS, 2013).

A imagem do negro na colônia era vista a época como uma pessoa inferior ao branco, servindo apenas como serviçal para seu patrão ou senhor como era mais conhecido aqueles que detinham o poder de possuir escravizados em suas propriedades. Sendo assim, o negro escravizado servia apenas de mão de obra e nunca poderia desempenhar um papel de destaque social, estando esse ligado basicamente no âmbito do trabalho forçado sem quase ou nenhum direito social, mas sempre subordinado as ordens do seu senhor. Segundo Rocha, “A história da escravidão no Brasil é algo recorrente nos estudos históricos, muito embora não tenham sido descritos da forma como deveria, apresentando as atrocidades cometidas contra o povo negro escravizado” (ROCHA, 2021, p. 24).

Essa condição não era diferente quando se trata da utilização da mão de obra escravizada na vila de Pombal pelo simples fato de a mesma seguir os padrões coloniais da província e da coroa portuguesa. Ali, o negro escravizado era peça fundamental ao trabalho no cultivo de cana de açúcar, agricultura e pecuária, entre outros afazeres que sempre lhe condicionava a posição de mão de obra para atender os interesses do seu senhor. Para Rocha,

A história da Paraíba assim como a história do Brasil, o povo negro teve sua trajetória histórica silenciada durante muito tempo, esses sujeitos buscaram lutar por liberdade, mesmo enfrentando grandes desafios no cotidiano onde viviam. O estado da Paraíba, a partir do século XX, começou a desenvolver estudos relacionados à questão negra escravista e quilombola. Instituições de ensino superior como UEPB, UFCG, UFPB, UFPE e outras instituições brasileiras, através de pesquisas de seus estudantes, abordam a temática em seus trabalhos de conclusão de curso dissertações e teses (ROCHA, 2021 p. 24).

A maioria das vezes, a mão de obra negra e escravizada que atuava nas fazendas daquela região era aplicada em regimes de exploração em jornada de trabalho que iam além da sua capacidade física ao passo que era desempenhado em atividades consideradas pesadas e em

condição muitas vezes sub-humanas, não era remunerada e apenas recebia alimentação como forma de pagamento. Essa visão enraizada do negro, como um indivíduo que traz aspectos negativos para a sociedade brasileira, foi fruto de um longo processo interessado na subjugação do outro para seu próprio benefício, portanto, que visava justificar a incapacidade dos negros e o direito dos brancos de os escravizar (SANTOS, 2013).

Diante do que expõe o autor acima, nota-se que a figura do negro se apresentava com um papel secundarizado no cenário da sociedade brasileira colonial, e por essa observação, entende-se que a vida do negro que habitava a Pombal colonial não era muito diferente dessa realidade. Dentro do contexto comum, esses eram responsáveis por desempenhar atividades consideradas inadequadas para ser realizadas por pessoas da “sociedade”. Outro fator comum para época entre a população negra era o alto índice de analfabetismo o que fazia destas pessoas sem condição de reivindicação dos poucos direitos que esse tinha (ROCHA, 2021. p. 33).

Nas fazendas dos proprietários de terra e donos de engenhos que habitavam a Vila de Pombal a mão de obra escravizada foi usada principalmente nos engenhos de cana de açúcar em varia etapas da linha de produção: na preparação, plantação e cultivo e corte da cana de açúcar concentrando grandes esforços do negro escravizado no campo. Na etapa de moagem para produção do melado, rapadura e outros derivados da cana de açúcar a mão de obra escravizada foi muito importante para o funcionamento dos engenhos onde o negro foi usado para mover a moenda, trabalhar o mel que dá origem a rapadura e principalmente no transporte da produção para armazenamento.

A agricultura de subsistência também foi outra atividade econômica que contou com um número considerável de mão de obra escravizada nas fazendas da Vila de Pombal. Durante o século XIX era comum escravizados trabalharem na atividade agrícola para os senhores fazendeiros da região do sertão paraibano e nordestino. Essa mão de obra era empregada no cultivo do algodão, produção de milho e feijão, mandioca entre outros produtos os quais eram destinados para atender as necessidades alimentícias da família do fazendeiro e para o comércio. Para Rocha, “o sertão foi o lugar escolhido por algumas famílias influentes, um novo espaço propício para acolher a nobreza, e também pessoas simples, quando poderiam criar seu próprio gado” (ROCHA, 2021. p. 37).

Portanto, a mão de obra de escravizados foi empregada no sertão em várias atividades econômicas, mas, pode-se destacar duas dessas foram as principais dentre as demais: produção da agricultura de subsistência e a o cultivo da cana de açúcar. Durante o período colonial e após esse, a produção açucareira era a principal atividade econômica do Nordeste brasileiro. Porém,

no sertão essa produção dividia espaço com a pecuária e a agricultura, em consequência das condições climáticas da região. Segundo Moraes,

As veredas do sertão, assim como outros lugares do interior do Brasil, ofereciam perigos constantes. Mas, mesmo assim, os desbravadores, apoiados em sua própria experiência, ou aprendendo a imitar ações dos índios "mansos" que, geralmente, os acompanhavam, fundaram suas fazendas (MORAES, 2009, p.13).

Mas, assim como a zona litorânea do Nordeste, o modo de produção se fez idêntico com as mesmas práticas e os mesmo critérios de ação. Em todas, o uso da mão de obra escravizada dos negros, seja os que vieram da África, ou aqueles que aqui haviam nascido. Porém, devido à cultura canavieira, se o principal motor econômico da Zona da Mata conta com grande produção de alta lucratividade nos engenhos canavieiros daquela região, foi necessário transferir as demais culturas para o interior (sertões) do Nordeste. Na Capitania da Paraíba com o desbravamento do sertão e a fundação de núcleos de povoamento a pecuária extensiva foi a atividade que melhor se desenvolveu na região. Para Rocha,

O sertão definitivamente era o lugar onde prevalecia o gado, também era o local escolhido para abrigar famílias de forma permanente ou temporária, quando buscavam melhorar sua situação econômica. Durante as viagens pelo sertão, era necessário possuir uma agilidade na observação incomparável para não se perder pelo caminho (ROCHA, 2021, p. 38).

A localização geográfica da vila de Pombal, as margens do riacho Piancó, tornaram a criação extensiva de gado a principal atividade econômica da região durante o período colonial. Nesse contexto, a produção de cana de açúcar não apresentou a mesma pujança econômica que a pecuária, mesmo tendo a sua importância econômica.

A criação bovina foi a principal fonte econômica da região por muito tempo ao passo que dela eram extraídos não apenas a carne para o consumo humano, mas outros derivados como o leite e o couro. Desta forma, pode-se dizer que no sertão paraibano durante o período do Brasil colônia, os currais tinham mais representatividade que os canaviais. Enquanto no litoral, a representatividade canavieira desempenhou um papel de protagonismo e sufocação das demais culturas econômicas. Mas, que em todas elas a presença da mão de obra escravizada foi fortemente utilizada no desenvolvimento dos meios de produção.

Como era de tradição nas fazendas do sertão paraibano daquela época, a criação bovina influenciou de forma incisiva na economia da região. Ao mesmo tempo que fortaleceu o poder das famílias tradicionais criando a cultura do coronelismo onde esses detinham o poder político

e econômico, sobretudo, nas pequenas vilas como era o caso de Pombal na ocasião. No entanto, isso só foi possível com a tutela do estado que viam nessas famílias uma aliada política e da igreja católica que tinha forte influência na sociedade e muitas vezes era financiada por esses senhores do “poder” regional.

CAPÍTULO II: UM OLHAR SOBRE A POMBAL DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

O período do final do século XIX e início do século XX foi um momento de transformação em vários aspectos da sociedade pombalense, apresentando mudanças sociais, alavancadas pela chegada da República. Nesse momento, surgiram novas ideologias que acarretaram a construção de novos entendimentos no contexto social, especialmente referente ao fim dos antigos costumes colônias e a chegada de novos ideais. No entanto, por ser um período de transição, esse foi marcado por divergências sociais em Pombal com várias discordâncias entre os grupos que comandavam sobretudo a política local. De um lado aqueles que defendiam os antigos ideais do Brasil colônia e seus métodos de formação social, os monarquistas, e do outro, os defensores do novo modelo republicano.

Segundo Sousa (2021), de um lado há grupos abolicionistas, alguns liberais e de outros situacionistas locais apoiadores da manutenção da situação vigente do império. Dentro dessa fácil dicotomia certamente houve impasses corriqueiros. Logo, a sociedade não passa por rupturas bruscas e rápidas no seu meio social brasileiro da época sem realocar e disputar lugares e espaços sociais políticos (SOUSA, 2021. p. 22).

A última metade do século XIX em Pombal apresentou transformações do fim do século XIX e início do século XX, em diversos setores como na arquitetura, crescimento da cidade em população e ampliação do seu papel de hierarquia no sertão paraibano com aumento do raio de influência pelo fato de ser um dos primeiros núcleos urbanos do Sertão da Paraíba, o que favoreceu a concentração de atividades econômicas o que corroborou com o crescimento da vila de Pombal. A transição do pífido Imperial para o republicano no Nordeste brasileiro foi fortalecida pelo avanço da política coronelista em toda região e em Pombal, esse sistema político também atuou fortemente.

O ambiente socioeconômico do município como também de todo o sertão paraibano, foi marcado pelo cenário de pobreza, que se agravou ainda mais pelas secas, favorecendo o domínio dos coronéis que passaram a exercer o poder político e econômico da região concentrando através dos seus domínios, atividades que pertencia ao Estado. A Pombal do início da República apresenta uma forte influência e controle da elite da cidade sobre as demais classes sociais menos abastadas. Cria-se nesse período a ideia entre a elite de que a parcela da sociedade menos favorecidas devem favores, assim como os principais programas emergenciais se concentraram nas mãos dos políticos da cidade e foram distribuídos de acordo com o interesse desses. Referente a cidade de Pombal deste período, o cenário de mudanças sociais e

estruturais começavam acontecer com mais frequência pouco se alterou faz um esboço da situação da cidade nesse período. Segundo Sousa,

[...] era ainda uma pequena cidade, com seis ruas e outras casas isoladas, alto índice de analfabetismo, tendo como principal renda a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva, atrasadas. No entanto, a política partidária era uma constante na vida da população local. Os chefes políticos da Época dos currais eleitorais estavam sempre atentos para manter-se no poder administrativo Municipal [...]. (SOUSA, 1999, p. 48).

Como descreve o texto acima, a cidade de Pombal era um lugar pequeno com poucos pavimentos em sua estrutura urbana. Outro ponto a ser observado diz respeito ao alto índice de pessoas analfabetas o que facilitava para os coronéis da classe elitizada da cidade, manipular a população. Essa população com pouca instrução era quem formava a mão de obra nas fazendas, substituindo assim, a mão de obra escravizada da Pombal colonial.

Por outro lado, a vida política da cidade de Pombal fazia parte do cotidiano de todos, com os chefes políticos disputando a supremacia governamental da cidade o que gerou acirramentos e rixas políticas não só entre os coronéis, mas também na população ao passo que era bastante comum os moradores locais manifestar seu lado partidário. Nesse contexto, formaram-se grupos políticos que notoriamente construíram a história política não apenas da cidade de Pombal ao longo do tempo, mas também da Paraíba e do Brasil já que tiveram grande representatividade no cenário estadual e nacional. Segundo Moraes,

O poder político, emanado pela sociedade colonial, aos nobres da terra, sustentava os laços de dependência entre senhores e escravos no alto sertão paraibano? Como esses laços eram legitimados? Quais as possíveis tensões ou, por outro lado, arranjos existiam entre esses atores sociais, e de que maneira os mesmos permeavam tais relações? (MORAES, 2009 p. 9).

É bem verdade que ao longo dos anos o cenário político e socioeconômico da cidade Pombal, assim como os tipos de atividades econômicas e o emprego da mão de obra, apresentou outros cenários com acréscimo de atividades como comércio, indústria e agropecuária ao longo do tempo, impulsionadas pelo desenvolvimento do município. Ao longo do século XX, a cidade cresceu e desenvolveu consolidando o papel de protagonista entre os principais municípios do Estado da Paraíba. Isso foi possível pela construção histórica de representatividade que marcou os diversos momentos da formação da cidade de Pombal desde o primeiro povoamento, passando pela condição de Vila até a sua emancipação política e sua elevação a categoria de município.

Já na condição de município, Pombal passa a desempenhar um papel relevante na formação política e social do Estado da Paraíba, se tornando um centro urbano de grande importância na região do sertão com forte representatividade política. Essa representatividade foi exercida e liderada pelas famílias consideradas tradicionais da política local e regional, herdando para si o poder administrativo do município como era antes no período colonial e no início do republicano.

Por ser uma das poucas vilas do Sertão da Paraíba, Pombal era reconhecida como ponto estratégico no desenvolvimento do interior do Estado. E isso passou a fortalecer diretamente as famílias tradicionais que disputavam o poder político da região, acirrando as contendas e em outros casos até conflitos. Com isso, a vila de Pombal ao lado de Cajazeiras, foram considerados os dois principais centros políticos do sertão da Paraíba na época.

2.1 A PRESENÇA DO BARROCO NAS IGREJAS CATÓLICAS DOS SÉCULOS XVII E XVIII NO BRASIL COLONIAL

As igrejas construídas no Brasil colonial tinham em sua arquitetura fortes traços do estilo barroco, trazido pelos europeus, sobretudo, portugueses que ao longo da ocupação, edificaram vários monumentos religiosos nos primeiros núcleos urbanos. Essas igrejas representam um importante patrimônio cultural e histórico para o país na atualidade com registro de um legado artístico e arquitetônico deixados desde o período colonial.

O estilo barroco¹ que predominou durante os séculos XVII e XVIII, foi caracterizado por um modelo decorativo no qual, o foco era a riqueza de detalhes e uso intensivo de ouro e madeiras nobres nas construções. Outro ponto importante e de grande relevância foi a interligação do barroco com a religião católica já na Europa e no Brasil colonial não foi diferente. Até hoje no Brasil, as igrejas barrocas desempenham um papel fundamental na disseminação do cristianismo e na organização do catolicismo pelo país. Segundo Nogueira, “As análises arquitetônicas brasileiras seguem geralmente dois caminhos: ou as edificações pertencem ao barroco colonial ou pertencem ao ecletismo e aí se incluem todos os falsos neoclássicos” (NOGUEIRA, 2023. p. 13).

¹ O Barroco é um estilo artístico que floresceu entre o final do século XVI e meados do século XVIII, inicialmente na Itália, difundindo-se em seguida pelos países católicos da Europa e da América. Os artesãos escravizados muito contribuíram para dar a esse Barroco feições únicas. Os principais centros de cultivo do Barroco americano foram o Peru, o Equador, o Paraguai, a Bolívia, o México e o Brasil (NOGUEIRA, 2023).

No Brasil, existem vários complexos arquitetônicos em estilo barroco com grande relevância, alguns se destacam melhor entre os demais, e para ilustração dessa narrativa podemos destacar entre esses: a Igreja e Mosteiro de São Bento em Salvador, construída entre os séculos XVII e XVIII quando a cidade era a capital da colônia. Com estilo barroco e traços fortes essa igreja é denominada patrimônio sociocultural e arquitetônico fazendo parte com complexo tombado da cidade e do Brasil atualmente. Seu interior é rico em detalhes com filetes em ouro, o monumento é importante para a atividade religiosa e turística (NOGUEIRA, 2023).

Pode-se destacar também a Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto Estado de Minas Gerais que é considerada um dos monumentos religiosos que melhor representa o estilo barroco. No seu interior é encontrado com facilidade um rico acervo arquitetônico e histórico do período do Brasil colonial e o exterior da igreja tem como característica marcante os traços fiéis do barroco (NOGUEIRA, 2023).

Outra igreja que pode ser destacada como exemplos de obras no estilo barroco no Brasil é a igreja da Ordem Terceira de São Francisco, em Recife Pernambuco. Conhecida por sua imponente fachada construída em pedra e destacando-se pelos traços arquitetônicos do barroco, assim como as outras igrejas já citadas acima, o interior da igreja é ornamentado com peças de madeiras e cobertas de ouro.

Em Tiradentes, histórica cidade de Minas Gerais, a Igreja de São João Batista se destaca no Brasil com seus traços barroco e representa um contexto sociocultural e religioso do histórico do país. Construída durante o período colonial tem como estilo de fachada o rococó² e com seu interior composto por matérias em madeira nobre e foliação em ouro que pode ser visto nas imagens de santos e em madeiras que compõe altares e acervo.

Ainda no Nordeste, pode se destacar mais dois conjuntos religiosos com arquitetura barroca e um grande legado para o acervo do catolicismo no Brasil desde a colônia até os dias atuais. Trata-se da igreja do Carmo que fica localizada na cidade de Olinda, Pernambuco, que assim como as demais outras já citadas, também representa o período barroco com seu estilo. No entanto, essa igreja combina o estilo barroco oriundo da Europa, presente na sua arquitetura com elementos da cultura local como azulejos e cerâmicas. Seu interior apresenta diversas peças cravejadas em ouro e madeira (NOGUEIRA, 2023).

² O Rococó é um movimento estético surgido na França do século XVIII, no contexto do Iluminismo, e faz a transição entre o barroco e o neoclassicismo. É marcado pela superficialidade, caráter hedonista e ornamental. Também apresenta cores suaves e linhas curvas. Contudo, elementos religiosos estão presentes na arte rococó de Portugal, Brasil e Alemanha (NOGUEIRA, 2023).

Outro conjunto religioso com arquitetura em estilo barroco está localizado em João Pessoa, estado da Paraíba. O complexo conta com um mosteiro e uma Igreja com fachada esculpida em pedras, o altar e outras partes do interior como o altar-mor é feito em madeiras e talha dourada. Assim como todas as demais citadas acima, essas igrejas representam o estilo barroco dos séculos XVII e XVIII herança do Brasil colônia e foram de grande relevância para o crescimento do catolicismo no país durante o colonialismo.

Elas refletem a importância da religião católica na época do barroco, assim como o talento dos artistas e artesãos que trabalharam nas suas construções e decoração. Atualmente, esses conjuntos arquitetônicos e religiosos desempenham outras funções que não apenas os cultos ecumênicos e celebrações religiosas, mas são bastante visitados por pessoas tornando-se atração turística nos seus lugares. Hoje, muitas dessas igrejas são consideradas patrimônio material da humanidade.

2.2 A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMBAL-PB

Como é conhecido, o período do Brasil colônia apresentava em sua arquitetura o estilo barroco o qual está se caracterizou pelos seu estilo de traços arquitetônicos. Em Pombal, essa representatividade é vista sobre tudo, nas edificações centrais da cidade (Centro Histórico), sendo comum em edifícios como: casa da cultura (antiga cadeia velha), coluna da hora e principalmente na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal está localizada na Praça Presidente Getúlio Vargas, no centro da cidade de Pombal. Sua entrada principal é pelo sentido oeste, mas também há acesso ao seu interior pelos lados sul e norte da igreja. Conhecida como a Igreja do Rosário, ela abriga um patrimônio arquitetônico e cultural datados do período colonial sendo a primeira edificação religiosa da cidade de Pombal e durante o século XVIII exerceu as principais atividades religiosas do povoado.

FOTO 1: Igreja de Nossa Senhora do Rosário Pombal Paraíba



Fotos: Acervo Junior Telmo.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário é um monumento religioso datado do século XVIII mais precisamente com sua data de fundação no ano de 1722. No início da povoação que deu origem atual cidade de Pombal, foi erguida no local outra igreja de Nossa senhora do Bom Sucesso, feita de taipa e madeira, mas que era uma pequena capela, simples de taipa e madeira, local onde se celebrava os rituais da religião católica. De acordo com relatos históricos em 1719, os padres jesuítas que permaneciam ali naquela região, assim como os colonos que residiam foram duramente ameaçados e atacados por cerca de 2000 indígenas e recorreram a uma prece a Nossa Senhora do Bom Sucesso para a suas proteções.

Para Seixas (1962, p. 31), a antiga capela de palha e barro teve sua fundação no ano de 1701 e era denominada como “casa de oração”, porém, dessa construção atualmente não existe vestígios ou ruínas que se perderam com o passar do tempo. Próximo do local, onde ficava, essa antiga capela foi erguida a Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, que posteriormente foi nomeada de Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída no ano de 1721:

Aquele documento obrigava o mestre pedreiro “Simão Barbosa Moreira” a construir a igreja em um período de três anos, quando seria pago, pela Confraria, a quantia de seiscentos e cinquenta mil réis, para esse fim, se constituíra, cujo presidente José Diniz Maciel contratou a obra, conforme

Escrituras de Obrigação constante no Cartório do 1º Ofício da cidade de Pombal-PB. (FIGUEREDO, 2014. p. 17).

Em documento lavrado em cartório de ofício determinava a construção da nova igreja em um prazo máximo de três anos a contar da data de lavratura do documento. Ainda de acordo com relatos da época, o custo máximo da obra foi de cerca de seiscentos e cinquenta mil réis, moeda corrente do período. A nova igreja era uma obra bem maior que a antiga e foi erguida com pedras, madeira e barro se tornando mais fortalecida que a primeira de taipa e barro.

De acordo com Figueiredo, a antiga igreja foi erguida de pedra, barro e tijolo, com capela mor de vinte e oito palmos de comprimentos e vinte de largura, e o corpo da Igreja com sessenta palmos de comprimento e trinta de largura com sua sacristia. Suas cornijas de tijolos e o telhado com beirada de cumeeira argamassada (FIGUEREDO, 2014. p. 17). Com a construção da igreja surgiu a freguesia no entorno da mesma dando origem ao povoado e posteriormente a vila de Pombal.

A igreja começou a ser edificada no dia 24 de maio de 1721, mas que somente em 1724 é que por meio do então coronel Francisco Dias D'Ávila foi concedido o terreno através de doação. O primeiro nome da igreja era em homenagem a Nossa Senhora do Bom Sucesso, mas em 1897 é construída a nova igreja na localidade que passa a ser chamada de Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, e desta forma, a primeira igreja passa a ser chamada de Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Destacando que o barroco no período colonial no sertão era considerado raro pelo fato de não se ter um contato direto esse estilo arquitetônico que era visto com frequência nos centros urbanos do litoral e em outras regiões da colônia. No entanto, a igreja do Rosário de Pombal, apresenta traços barrocos na sua arquitetura com simbologia marcantes como a data de sua fundação na faixa e o cruzeiro em frente. Segundo Seixas, “Aquele templo é um dos raros exemplos do barroco no sertão do Nordeste, e a data de sua edificação (1721), consta em seu frontão” (SEIXAS, 1962, p. 35).

Com a mudança da matriz a igreja velha foi destinada aos cultos a Nossa senhora do Rosário frequentada pela população pobre e principalmente pela população negra e escravizada que habitavam a localidade. Na arquitetura, o monumento apresenta características marcantes do período colonial no sertão da Paraíba sendo considerada assim, parte da história barroca vista atualmente como patrimônio cultural. Conforme o passar dos séculos, a igreja do Rosário passa a representar um papel importante na história cultural e religiosa de Pombal, através dos cultos ecumênicos ali celebrados. Segundo Sousa, “O monumento representa um marco histórico do primeiro núcleo do império colonial no sertão da Paraíba” (SOUSA, 2002, p. 18).

A Igreja do Rosário de Pombal tem uma característica arquitetônica típica da época no seu interior. A estrutura física da edificação é composta por três altares esculpidos em madeira de cedro, outro altar-mor também esculpido em madeira nobre construído bem ao centro da igreja com quatro colunas de sustentação e um tronco onde se localiza a imagem de Nossa Senhora do Rosário. O altar-mor assim como o arco da igreja tem como característica barroca com traços romanos. Segundo Figueiredo, “O altar-mor e o arco-cruzeiro da igreja, em estilo barroco romano, são painéis de fina talha e revestidos em sua maior parte, por uma camada de folha de ouro” (FIGUEREDO, 2014. p. 18).

Mantendo seu patrimônio arquitetônico quase original com seu aspecto barroco a igreja do Rosário de Pombal representa fidelidade ao estilo dos movimentos religiosos católicos do período colonial, com sua pintura branca, uma torre, conta também com um acesso lateral que interliga ao interior da Igreja e bancos de madeira de cedro. Dentro das dependências, mas, porém, ao lado esquerdo da própria igreja existe uma capela dedicada ao santíssimo sagrado ou Santíssimo Sacramento que está separada do resto da igreja por um arco-cruzeiro feito em madeira e pintura de mármore.

De acordo com Seixas (1992, p. 41), quanto ao batistério da igreja do Rosário, esse é constituído por pintura de artista anônimo, e é denominado de “Batismo no Jordão”. Já o púlpito assim como as safenas que ficam sobre as portas e janelas laterais da igreja são trabalhadas e madeira talhas em ouro em homenagem ao São Miguel arcanjo apresentam fino lavor e as colunatas são ornadas com motivos florais, constituindo-se em um trabalho um pouco mais grosseiro.

A capela do santíssimo está localizada a esquerda da Igreja do Rosário separada desta pelo arco de madeira que é a principal matéria prima encontrada no interior da capelinha. Ao centro da capela encontra-se uma pintura representando a santa ceia com um púlpito de madeira pintado em mármore. Ainda seguindo Figueiredo, “Há uma safena composta por lambrequins, coroada por elementos escultóricos com duas cartelas, contendo as seguintes inscrições em latim: *Spiritus Sancti Gratia Illuminei Sensus et Corda Nostra, Pratica Verbum Inflaopportuné Importuné, Atque Obiecra Increpa e Inomini Pratientia et Doctrina*” (FIGUEREDO, 2014. p. 19). A tradução para o nosso português, fica a seguinte: Que a Graça do Espírito Santo, Ilumine a Nossa Mente e Nossos Corações, Inflama-nos para praticarmos o que pregamos, além disso, Obcecamos e Impetramos, Em nome da Paciência e da Doutrina (Araújo, 2021, pág.110).

Considerando o modelo arquitetônico da fachada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, entende-se que essa pode ser classificada com traços no estilo barroco, mas com

modelo simples. Ela traz uma torre com alguns detalhes nos traços, uma porta central em madeira, um arco acima da porta e a data de fundação em números acima do arco da porta central.

Assim, não apresenta a mesma riqueza de detalhes característicos da época da sua construção como é visto em outras igrejas erguidas a mesma época. Isso pode ser entendido pelo fato de a mesma ter sido edificada em um pequeno povoado no interior da colônia onde a prática do catolicismo ainda não era tão acentuada. Conforme Figueiredo, “No frontispício, há uma porta principal em madeira almofadada, com vergas em cantaria, encimada por duas janelas em madeira, também com vergas em cantaria, e um nicho em arco pleno vazio, onde possivelmente já abrigou uma imagem” (FIGUEREDO, 2014. p. 19).

Vale destacar que toda estrutura física e arquitetônica da Igreja do Rosário de Pombal tem origem no barroco do período colonial e por isso segue fielmente os traços arquitetônicos daquela época, sobretudo nos monumentos religiosos que ao longo do tempo criaram uma identidade da representação desse estilo que perdura até os dias atuais. Para se ter uma ideia, os traços da fachada da igreja do Rosário seguem o mesmo padrão dos demais monumentos desse estilo construídos no mesmo período. Embora sejam apresentados traços mais simples em relação a outros monumentos religiosos, a igreja de Nossa senhora do Rosário de Pombal se destaca no sertão paraibano como um dos poucos monumentos religiosos que representa com fidelidade o estilo barroco no sertão.

2.3 UM RELATO SÓCIOHISTÓRICO DA FESTA DO ROSÁRIO

Atualmente, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal tem uma atividade religiosa bastante intensa com celebração de missas, casamentos, batizados e principalmente a programação da festa do Rosário, realizada há mais de 100 anos todos os meses de outubro. Esse evento religioso é um dos mais tradicionais do interior do Nordeste reunindo pessoas de diversos lugares em praça pública, além de outros atrativos. Além da parte religiosa do evento, pode-se destacar a parte cultural com danças folclóricas com grupos tradicionais afro-brasileiro como os pontões, o reisado e os congos que se apresentam com danças típicas durante o período das festividades do Rosário.

Em termos de hierarquia administrativa a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, Paraíba, pertence ao raio de atuação eclesiástica da Diocese de Cajazeiras Paraíba. Sua atuação tem influência direta na manutenção e crescimento das práticas do catolicismo na

cidade de Pombal e se estende para outros municípios vizinhos quando do período da festa do Rosário.

Essa festa faz parte do calendário dos eventos religiosos do Estado da Paraíba com forte tradição por ser uma das primeiras do gênero a ser celebrada no sertão do Estado. Isso caracteriza a cidade como um dos principais destinos do turismo religioso no estado. A saber, durante o mês de outubro é comum a volta de pessoas nativas de Pombal, mas que residem em outros lugares, voltarem a cidade para os festejos. Também se nota um aumento significativo de pessoas não nativas, mas que também vêm até Pombal com o mesmo objetivo.

Tradicionalmente a festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, por ser um evento de cunho religioso voltado ao catolicismo, tem a celebração religiosa como principal objetivo. No entanto, a festa divide espaço com as manifestações populares com características de matriz africana, perpetuadas nos grupos folclóricos como pontões e reisados. Segundo Araújo,

A igreja não permitia que os negros cultuassem as suas religiosidades nativas. Quando não era própria o “estado”, era o seu elo de repressão, e, durante os primeiros séculos de formação da sociedade brasileira, o catolicismo exerceu total e completo poder de coerção sobre qualquer outra prática religiosa ou expressão cultural, não admitindo que negros escravizados viessem a exercer as suas crenças religiosas sem que houvesse a estrita fiscalização da igreja e do Estado (ARAÚJO, 2014. p. 19).

Pelo poder que exercia diante da sociedade brasileira, durante o início do processo de colonização do Brasil a igreja católica não permitia que os negros cultuassem suas práticas culturais, incluindo crenças religiosas de matrizes africanas. É possível que durante o início da colonização do sertão, com a vinda forçadas de pessoas negras escravizadas, já ocorressem manifestações religiosas onde hoje é Pombal, contudo, não há relatos disso.

As manifestações religiosas de matrizes africanas vieram com os negros durante o período de escravidão e aqui no Brasil em muitos lugares se fundiram com as celebrações católicas trazidas pelos europeus e em alguns casos, com a manifestações religiosas dos indígenas, formando uma cultura religiosa plural e mista.

2.4 A HISTÓRIA DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE POMBAL

Em Pombal, a Irmandade do Rosário é datada do início do Brasil colônia, mas só passou a existir oficialmente a partir do ano de 1888, quando foram aprovados os Estatutos ou Compromissos, impostos pelo Estado e pela Igreja, que são os conhecidos: Compromisso Civil e o Compromisso Eclesiástico (Araújo, 2014, págs.35 e 36). Antes disso, a Irmandade do

Rosário já existia de maneira não oficial, e, possivelmente, a Festa do Rosário já era celebrada, embora sem licença para realizar procissão pelas ruas, como hoje se celebra até a hoje conhecida Igreja do Rosário. Esta só passou a ser conhecida por esse nome, e também passou a fazer parte do Patrimônio da Irmandade, a partir do ano de 1895, ano em que talvez possa ter acontecido de maneira oficial, a primeira Festa do Rosário, com reconhecimento por parte do Estado e da Igreja no município de Pombal, cidade do Sertão Paraibano.

As Irmandades religiosas dedicadas à adoração dos santos por pessoas negras, existiram por todo o Brasil colonial e imperial, era uma espécie de resistência cultural negra contra o período escravista da época. Muitas destas Irmandades existem até hoje espalhadas pelo Brasil. A Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal, responsável pela organização e a realização da Festa do Rosário, existe oficialmente desde as últimas décadas do final do século XIX, após a aprovação dos compromissos Civil e Eclesiástico, por volta do ano de 1888 (Araújo, 2014, págs.35 e 36).

O principal personagem na luta pelo reconhecimento oficial dessa manifestação religiosa pela Igreja foi o senhor Manoel Antônio de Maria Cachoeira, que por volta das últimas décadas do século XIX, teria ido a pé três vezes para a cidade de Olinda, Pernambuco, com o objetivo de conseguir registrar, isto é, oficializar, a fundação da Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal (Araújo, 2014, págs. 28, 29 e 33). É especulado que Manoel Cachoeira, seria um negro liberto, mas com um certo poder aquisitivo, talvez ele tenha sido “ um dos chamados brancos do algodão (Araújo, pág.25) , apesar de não se ter certeza dessa afirmação (Araújo, 2014, pág.27), o seu objetivo era conseguir registrar de maneira oficial pela Igreja a Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal, que já existia de maneira não oficial no município, por ter dificuldades em conseguir a aprovação para o registro da confraria pelos párocos de Pombal, foi necessário, que ele fizesse essas viagens a pé, até a cidade de Olinda, Pernambuco, para conseguir falar com o Bispo, e assim conseguir fundar oficialmente a Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal (Araújo, 2014, págs. 27, 28 e 29).

As dificuldades enfrentadas pelo senhor Manoel Cachoeira para conseguir registrar a Irmandade do Rosário, por divergências com os padres da paróquia de Pombal, na época foi motivo de valorização dessa entidade entre o meio social da Pombal do final do século XIX.

A dificuldade enfrentada por Manoel Antônio Maria Cachoeira para a criação da Irmandade estaria nos vigários de Pombal, entre esses o padre Álvaro Ferreira de Souza, que discordava da criação da Confraria. O preconceito do vigário contra os negros fez com que ele se opusesse também a religião dos negros – a devoção ao Rosário, e a organização da festa (ARAÚJO, 2014, p. 27 e 28).

Com isto podemos perceber o porquê de Manuel Maria Cachoeira, no final do século XIX, necessitar fazer essas três viagens a pé para a cidade de Olinda para conseguir a aprovação do Bispo, e assim poder ser oficializado a criação da Irmandade. Partindo do pressuposto relatado, o próprio fato de Manoel Maria Cachoeira ter viajado a pé três vezes para Olinda-PE, a fim oficializar a Irmandade dos negros do Rosário de Pombal, seria por “falta de apoio” da igreja local. Pois, segundo Araújo (2014), documentos oficiais para a fundação de Irmandades religiosas “deveriam ser enviados” pela própria Igreja, e não por uma pessoa comum, para conseguir tal autorização. Teria dificultado ainda mais por se tratar de um negro, cuja chance de ser recebido por um bispo era remota (ARAÚJO, 2014. p. 28). A falta de apoio do pároco local é corroborada por memorialistas e historiadores da região.

Contudo, mesmo tendo divergências com o pároco local, observa-se que Manuel Maria Cachoeira para conseguir aprovação da Irmandade do Rosário deveria possuir algum documento ou carta da paróquia de Pombal, pois não sendo assim, ele não seria sido recebido pelo bispo de Olinda (ARAÚJO, 2014. p. 28 e 29).

É provável que a igreja de Pombal, através do pároco, tenha lhe conseguido algum documento de recomendação a Diocese de Olinda para que o mesmo fosse recebido pelo bispo e com isso, após sua terceira viagem, finalmente criar de maneira oficial a Irmandade dos negros do Rosário da cidade de Pombal.

Após a oficialização da Irmandade dos negros do Rosário de Pombal, foi dada ao Manuel Maria Cachoeira o título de primeiro juiz oficial da Irmandade por ter desempenhado um importante papel para a história dessa entidade religiosa, com isso, as primeiras festas do Rosário reconhecida pela igreja como evento religioso de devoção à Nossa senhora do Rosário, em Pombal e atualmente é um dos maiores eventos dessa natureza na Paraíba e pode-se dizer que, em todo Brasil.

2.4.1 OS COMPROMISSOS DA IRMANDADE PARA COM A PARÓQUIA DE POMBAL

A oficialização da Irmandade tinha que ter o aval da igreja através de normas e compromissos eclesiásticos. Esse foi o caso da Irmandade dos Negros do Rosário da cidade de Pombal, que teve suas normas oficiais estabelecidas pelos dois compromissos impostos pela Igreja e também pelo estado, que são: O Compromisso Civil e o Compromisso Eclesiástico. Se tratando do Compromisso Civil, primeiro foi aprovada uma lei que oficializava a criação em Pombal da Irmandade do Rosário, batizada como o número 858, de 10 de novembro de 1888,

que diz o seguinte: “Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial resolveu e sanciono a lei seguinte [...] Fica aprovado o Compromisso da Irmandade do Rosário ereta na Igreja Matriz da cidade de Pombal. (Lei n 858 de 10 de novembro de 1888)” (ARAÚJO, 2014, p.36).

Após a aprovação da referida lei a Paróquia de Pombal lançou o compromisso eclesiástico a ser seguido pela Irmandade dos Negros do Rosário da cidade de Pombal. O artigo 1º do Compromisso Eclesiástico redigido pela Igreja destacava o seguinte termo: “Fica instituída a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário com sua criação na Igreja Matriz da freguesia de Nossa Senhora do Bonsucesso de Pombal, até que sob os auspícios da mesma Irmandade se construa uma capela com aquela invocação” (ARAÚJO, 2014, p. 35 e 36).

O artigo 1º do Compromisso Eclesiástico, determina que a Irmandade do Rosário construísse uma capela para os trabalhos a serem cumpridos pela Irmandade. Na verdade, o local de culto ao Rosário passou a ser na antiga Igreja Matriz da cidade de Pombal.

Com a construção da nova Igreja que passou a ser chamada de Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, finalizada na segunda metade do século XIX, a antiga Igreja Matriz construída em 1721, passou a se chamar Igreja do Rosário, o local de adoração a Virgem do Rosário pela Irmandade dos Negros do Rosário da cidade de Pombal. É em frente a essa Igreja que todos os anos, é celebrada a centenária Festa do Rosário da cidade de Pombal. A Festa do Rosário, celebrada a partir do reconhecimento da irmandade do rosário pela Igreja, aconteceu por volta das últimas décadas do século XIX, se estendendo desde data até os dias atuais, sempre celebradas em frente a atual Igreja do Rosário, as festividades em honra a Nossa Senhora do Rosário.

A organização e administração da Irmandade se compõe através de uma Mesa Regedora, formada por: juiz, tesoureiro, procurador, escrivão, secretário, zelador, e doze irmãos de mesa. Cada um com a sua função na administração da Confraria. Ao longo dos anos desde a fundação oficial da Irmandade há mais de cem anos, esses integrantes administram, zelam, e mantém viva a existência desta histórica Confraria na cidade de Pombal (ARAÚJO, 2014).

Sempre quando se aproxima a Festa do Rosário na cidade de Pombal é muito comum que integrantes da Irmandade do Rosário em dias de feira livre, saírem as ruas fazendo apresentações e pedindo dinheiro as pessoas para ajudar nos custos da Festa do Rosário e da entidade. Assim como em outros lugares do Brasil, em Pombal, a Irmandade dos Negros do Rosário também tinha essa preocupação social com as pessoas desassistidas, inclusive com as pessoas que ainda se encontravam em situação de escravidão. Após a abolição da escravidão as atenções da Irmandade se voltaram mais na “organização da Festa do Rosário”, da cidade de Pombal.

No final do século XIX, a Irmandade, que não tinha mais a necessidade de levantar fundos para acudir os escravizados desassistidos e suas famílias, passou a ter uma única preocupação depois de 1888, que era a organização da Festa do Rosário de Pombal, passando todo seu tempo trabalhando para esse fim (ARAÚJO, 2014, p. 63.)

Dentro do contexto folclórico que faz parte da Festa do Rosário, os Reis e as Rainhas da Irmandade se destacam por sua importância. Apesar da importância da figura do rei e da rainha da Irmandade, não é citado nem no Compromisso civil e nem no Compromisso Eclesiástico, a figura dos mesmos. o artigo 11 do Compromisso Eclesiástico e o artigo 9 do Compromisso civil, que citam todos os cargos que deveriam organizar o funcionamento da Confraria, mas não se encontram as figuras do rei e rainha da Irmandade (ARAÚJO, 2014, p. 57 e 133).

Salienta-se que a Igreja Católica e a sociedade elitizada da época não aceitavam o negro como membro que poderia participar da vida social da comunidade. Nesse sentido, pode-se observar o porquê de não existir a menção da figura do rei ou da rainha da Irmandade, tanto no Compromisso Civil quanto no Compromisso Eclesiástico. Isto acontecia por determinação do Império e da própria Igreja da época. Sendo assim ficava apenas o cargo maior na pessoa do juiz e da juíza da Irmandade. A Igreja e o Império não concebiam a ideia de homens e mulheres negras sendo venerados como monarcas, ao ponto de homens brancos e livres se ajoelharem aos seus pés (ARAÚJO, 2014).

Porém, durante a celebração da festa do Rosário de Pombal, ainda se conserva a figura do rei³ e da rainha⁴ da Irmandade Negra do Rosário, que são interpretados pelo juiz e pela juíza da Confraria, que se caracterizam e saem em procissão com o Rosário, sendo protegidos “pela guarda real”, papel assumido pelo grupo folclórico, “Negros dos Pontões”.

A presença negra na festa do rosário de Pombal é entendida desde o seu início e fortaleceu ao longo do tempo, sempre com papel protagonista. Com a criação e finalização da irmandade do rosário dos negros, a igreja passou a assumir um papel de destaque na administração e organização tanto da festa do rosário quanto das decisões da irmandade pautando-lhe regras e normas de função.

³ Reis da Irmandade do Rosário de Pombal: Manoel Antônio Maria de Cachoeira, Francisco Rufino de Jesus. Enéas Alves Vieira, Francisco das Chagas Rocha, José Alves de Sousa. José Lima da Silva, Manuel Tomaz, Manuel Ferreira de Sousa e Antônio Felismino de Sousa, João Raimundo dos Santos (João Coremas), Edmilson Evaristo Nery (ARAÚJO, 2014).

⁴ Rainhas da Irmandade do Rosário de Pombal: Maria Joaquina da Vassoura, Roselina da Silva, Maria do Socorro Lacerda, Maria de Fátima, Jacinta da Paz Santana, Lucila Thomaz Raimunda de Sousa Batista, Francicleide Ribeiro, Rosilda de Sousa Batista e a atual, Maria do Socorro Lacerda (ARAÚJO, 2014).

2.4.2 A IRMANDADE NO CONTEXTO DA FESTA DO ROSÁRIO DE POMBAL

A irmandade do rosário é considerada uma das primeiras manifestações que compõe as festividades do Rosário de Pombal. Já que pelos arquivos da paróquia, a irmandade tem registros históricos datados de 25 de julho de 1895. Esses documentos foram concedidos e despachados por Dom João Fernandes Esberardi, então bispo da Diocese de Olinda Pernambuco a quem a paróquia de Pombal era subordinada e concedido a Manoel Antônio de Maria Cachoeira, responsável por ir até Olinda para aquisição do ato de criação da irmandade do rosário (SOUSA, 2002).

O “Mané” Cachoeira, como era conhecido, desempenhou um papel importante na criação da identidade da Irmandade, assim como os aspectos folclóricos relacionados a sua devoção. Sua dedicação e devoção deu a Mané Cachoeira o título de “pai da irmandade do rosário” muito disso fortalecido pelas manifestações culturais que foram interligadas ao culto do rosário.

A dimensão da atuação deste homem perdeu-se na história, podendo ter sido um dos chamados “brancos de algodão”, assim denominados os negros livres, que obtiveram uma ascensão social através do enriquecimento proveniente do plantio e beneficiamento do algodão (FIGUEREDO, 2012, p. 20).

Partindo da narrativa acima da autora, nota-se que o criador da irmandade do Rosário teve um papel fundamental na formação dessa manifestação religiosa. No entanto, os acervos históricos com relação a atuação de Mané Cachoeira na irmandade do Rosário se perderam com o tempo. Segundo Seixas, Mané Cachoeira era reconhecido como “branco de algodão”, denominação dada aos negros livres e com alguma ascensão social por meio de condição financeira oriunda do algodão, produto relevante para a economia da cidade.

Seixas (1962) destaca que a irmandade do Rosário tem um papel importante na titulação da Festa do Rosário a partir da coroação, ao ponto de ser reconhecida anteriormente como a “festa dos negros”. Essa denominação de caráter popular e não oficial se dava pelo fato de os negros escravizados da época obterem dos seus senhores uma liberdade para tributar “um culto especial de hiperdulia a Nossa Senhora do Rosário”.

As manifestações ao longo do tempo tornaram-se tradicionais e atualmente muito das manifestações vivenciadas no início já não são mais vistas por não terem sido conservadas e se perderam no tempo entre esses elementos pode-se citar por exemplo: letras de músicas, objetos

religiosos da época, os monumentos que ainda hoje são poucos preservados, como o caso da própria igreja do Rosário (FIGUEREDO, 2012).

As manifestações populares apresentadas durante as festividades do Rosário têm origens africanas, representadas pelos negros que constituíram o folclore que hoje faz parte da programação da Festa do Rosário de Pombal. É provável que as manifestações folclóricas que atualmente fazem parte do calendário religioso das festividades do Rosário tenham como motivação as devoções nas religiões de matrizes africanas. Mas, essas manifestações conhecidas como confrarias dos pretos como eram conhecidas apresentavam funções sociais que foram além dos seus laços culturais e religiosos, como aponta João José Reis (1996) para a Bahia do início do oitocentos.

Em Pombal, essas manifestações também receberam a influência da cultura europeia que foram apresentadas aos negros pelos colonos não só do ponto de vista religioso, mas, principalmente influenciando em novos hábitos, estimulando os negros a abandonarem seus costumes e crenças. Segundo Figueiredo, a religião tratava-se de instrumento de dominação do branco sobre o escravo. Segundo ele, “Sabe-se, hoje, que na maioria dos casos, as irmandades se constituíram de meras fachadas, ocultando e preservando os aspectos culturais africanos no Brasil” (FIGUEREDO, 2012. p. 22).

Sem dúvida que a irmandade do rosário de Pombal teve um papel fundamental na construção da identidade do negro na sociedade pombalense e sertaneja através da sua reconstrução como cidadão. Isso caracterizou-se pelo fato de em princípio as manifestações religiosas e culturais dos negros serem apenas em pequenas comunidades exclusiva de negros e depois surgiram os foros que foram reconhecidos pela igreja com a mesma importância das manifestações culturais e religiosas das comunidades brancas. Segundo Figueiredo:

Oficialmente a efetivação da Irmandade do Rosário se deu no final do século passado (final do século XIX), pode-se aceitar que os negros de Pombal recriaram, no sertão da Paraíba, algumas tradições afro-brasileiras, como a Irmandade, a exemplo o “brinquedo” dos Congos e a realização da Festa do Rosário (FIGUEREDO, 2012, p. 23).

Em termo de visão social os membros dessas comunidades tinham *status* diferentes no contexto social. As irmandades sempre apresentaram características distintas e agiam de acordo com as oportunidades como ajudar as pessoas necessitadas. A Irmandade do Rosário de Pombal se confunde com a própria festa, e lá, assim como em todo o sertão, a festa é reconhecida a partir da objetividade do Rosário e assim é chamada de festa do Rosário e não de Nossa Senhora do Rosário.

Isso significa, que a hoje chamada Igreja do Rosário, da cidade de Pombal, foi mais do que uma recompensa para a Irmandade dos Negros do Rosário, quando ela passou a fazer parte do patrimônio da Confraria. Pois se foram os escravizados, ainda no início do século XVIII, que através do suor de seu trabalho, contribuíram para que aquele templo fosse erguido, no Arraial do Piancó, então é muito justo, que hoje essa Igreja seja o local de culto, a santa protetora dos negros, pois foram eles que no passado, construíram esse templo religioso.

Não se tem certeza, deste fato, pois não foram encontrados nenhum documento que comprove a real participação de mão de obra escravizada naquela construção. Mas, a partir do contexto histórico da povoação da época em que o Arraial foi fundado, acredita-se na viabilidade de tal hipótese de que os escravizados que tenham construído a igreja.

Outro fato a ser notado é que o pedreiro, contratado pela Irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso para construir a Igreja Matriz da povoação, que era mestre na construção de Igrejas, não iria construir aquele templo sozinho, sendo necessário trabalhadores que o ajudassem naquela construção, mesmo que fosse na produção do material necessário para aquela obra, com telhas e tijolos, havendo muito possivelmente a participação dos escravizados nessa construção.

Quando foi aprovado o Estatuto Eclesiástico para a oficialização da Confraria foi solicitado que a Irmandade construísse uma capela, para o culto ao Rosário. Mas aquela, recém fundada confraria, nunca teve recursos para construir uma capela a sua santa de devoção. Em vez disso, eles ganharam da diocese, a primeira Igreja Matriz do Arraial do Piancó, uma Igreja rica em história, um verdadeiro, monumento histórico do sertão.

CAPÍTULO III: O SINCRETISMO RELIGIOSO

Sincretismo religioso pode ser entendido como sendo a prática de uma religião em comum com outras matrizes religiosas, sendo o Brasil o país que mais representa esse cenário por questões históricas de origem colonial na formação da sociedade brasileira. O convívio entre o eclesiástico e o pagão apresenta um sincretismo difuso que envolveu no Brasil colonial, a prática religiosa do catolicismo europeu com as práticas de cultos de matrizes africanas, fazendo uma combinação do neopaganismo, que mistura elementos considerados sagrados pela igreja católica com crenças africanas.

Chama-se atenção para o fato de que tal sincretismo, longe de significar harmonia nas relações entre os diferentes estratos sociais, surgiu justamente da resistência das manifestações religiosas camufladas de matrizes africanas e indígenas durante o Brasil colonial e imperial, as quais eram proibidas e perseguidas. Nesse período, apenas as práticas do catolicismo eram permitidas em todo território e qualquer outro tipo de manifestação religiosa que não essa, era considerada como ilegal.

Assim, para manter seus rituais religiosos, os escravizados praticavam seus cultos em senzalas ou espaços distantes, ocultos para não serem descobertos e julgados. Quanto aos nativos, esses foram submetidos a uma catequização por parte dos padres regulares e seculares que tinham como missão, forçar a prática da religião católica/cristã entre os indígenas para que se adaptassem a essa nova divindade. Segundo Romão:

Perante a religiosidade cristã dos colonizadores, baseada em um catolicismo fincado na Inquisição e num repúdio a quaisquer outras manifestações religiosas, os africanos, em seu afã por sobrevivência, lançaram mão, consciente ou inconscientemente, de um refinado estratagema para driblar a vigilância de seus senhores e poder professar seus cultos originais: o sincretismo religioso, tema central deste trabalho, que vinculamos à ideia de tradução (ROMÃO, 2018. p. 359).

O sincretismo religioso envolve ideias, rituais, organização, simbologia e também uma representatividade acentuada de objetos artísticos e religiosos de matriz afro cultural que foram incorporados ao acervo dos cultos cristãos, principalmente nas festas de comemoração em alusão ao sagrado no interior do Brasil colonial. O Brasil representa uma das maiores diversidades do que se entende por sincretismo religioso. O país tem sua composição social construída a partir de elementos sociais europeus, indígenas e africanos e isso foi fundamental para a mistura de ritos oriundos dessas matrizes religiosas. Por ser considerado constitucionalmente um Estado laico, no Brasil é permitida a prática de culto cristão como

missas e celebrações, mas também a prática de manifestações religiosas de origem afro como: umbanda, candomblé e as celebrações de origens nativas. Embora na prática, mesmo na atualidade, esteja presente na nossa sociedade a intolerância e o racismo religioso.

O sincretismo religioso afro-brasileiro tem sua origem na fusão do catolicismo com as demais religiões de matizes africanas e um pouco menos com as crenças nativas dos indígenas. Como aspecto sociocultural, tem nesse campo uma representatividade que ultrapassou as fronteiras do país, pois teve sua origem exatamente no desarraigamento de milhões de africanos pela passagem brutal e forçada do Atlântico (ROMÃO, 2018).

Isso pode ser afirmado pelo fato dessas manifestações terem se estendido além das suas origens já que vieram da Europa, por parte dos colonizadores, e da África, por parte dos negros escravizados, e no Brasil com as crenças nativas. Essa fusão dá origem ao sincretismo afro-brasileiro com às mais diversas áreas da convivência e das vivências humanas: rituais religiosos, conteúdos históricos, práticas sociais, lendas e mitos como substratos culturais, e toda uma gama de outros fatores (ROMÃO, 2018). As diferenças religiosas e culturais construíram laços de interligação do povo brasileiro por meio de um sincretismo que agregou elementos de diversas matrizes de característica afro-europeu-brasileira.

O sincretismo religioso brasileiro tem a partir das suas representatividades culturais, elementos do catolicismo que ganharam destaque nos cultos de religiões de matriz africana. Para dar mais ênfase nessa narrativa, várias representatividades que são consideradas pela Igreja Católica como santas, se apresentam como divindade religiosa na matriz africana, principalmente em lugares onde a concentração de escravizados africanos foi mais acentuada como Bahia, Pernambuco e Minas Gerais (ROMÃO, 2018).

As manifestações populares de características culturais, são as principais representatividades do sincretismo religioso brasileiro como, músicas, danças, vestimentas, festas tradicionais, para citar alguns exemplos dessa fusão entre o que é considerado santo/sagrado para o catolicismo e as religiões de origem africana.

Essa mistura de crenças e divindades que tem no Brasil o principal campo de atuação, criou um sincretismo religioso com um rico histórico de representação do sagrado com o pagão, a partir dos laços culturais, embora conflitantes, elementares na formação social do povo brasileiro que tem em sua origem religiosas: a tradição do catolicismo oriundo do colonialismo europeu, a religiosidade dos cultos “pagãos”, que tem suas origens nas religiões de matrizes africanas trazidas pelos negros escravizados de diversas regiões da África, e as crenças dos nativos a partir de sua cosmovisão e do culto aos fenômenos naturais.

3.1 O SINCRETISMO RELIGIOSO E AS CARACTERÍSTICAS DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS DE MATRIZES AFRODESCENDENTES NA FESTA DO ROSÁRIO DE POMBAL

Grupos folclóricos são representações sociais e culturais de um povo que normalmente são praticadas em coletividade por vários indivíduos que possuem características homogêneas (étnicas, tradicionais, classe social, lugar de origem ou de morada etc.), que fazem uma representatividade da identificação de um lugar através da sua história e das tradições sociais e culturais de um povo. Nesse sentido, entende-se que quanto mais forte forem os laços representados por esses grupos amparados na antiguidade, no tradicionalismo e nas distinções em relação à vida moderna, mais identidade se cria com a representatividade do lugar onde esses grupos folclóricos estão inseridos.

Quando se refere ao sincretismo religioso que domina o contexto sociocultural da festa do rosário de Pombal Paraíba, mesmo sendo uma celebração católica, percebe-se uma forte influência das religiões de matriz afrodescendentes através das manifestações dos grupos folclóricos que fazem parte dessa celebração. Assim como em outras partes do Brasil, onde existem celebrações de características católicas que têm origem no colonialismo, os grupos afrodescendentes que compõe o cenário da festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, tem em suas tradições escravocratas o sincretismo religioso que ajuda a constituir a história desses cultos de homenagem católicas.

A representatividade do sincretismo religioso na festa do Rosário é percebida desde a sua origem no século XVII. Pombal é uma cidade que mantém a tradição do sincretismo religioso através das manifestações vividas em seus três principais grupos folclóricos de origem afrodescendentes: pontões, congos e reisado (ARAÚJO NETO, 1998).

Diante desse pressuposto, entende-se que o lugar em que o sincretismo religioso tem forte raízes, os valores significam a materialização das relações sociais construídas a partir das relações de convívio. Não se pode negar que um espaço público pode ter uma grande diversidade de equipamentos para estimular a vida social. Quando se refere a condição de um espaço onde as manifestações religiosas despontam como elo de interligação entre aquilo que é considerado sagrado e o convívio em sociedade é cabível que surjam diferenças no contexto dos ideais do que seria “sagrado” ou “pagã” para cada indivíduo.

Quando observamos a formação estrutural e ecumênica da festa do rosário de Pombal nota-se que o sincretismo religioso que existe na simbologia do culto a Nossa Senhora do

Rosário tem representatividade do catolicismo com a celebração de missão com a presença de representantes da Igreja Católica e no mesmo espaço, tem-se as danças e manifestações afrodescendentes representadas pelos grupos folclóricos tradicionais como os congos, pontões e reisado.

Segundo Araújo Neto (1998, p. 32), Pombal, também conhecida como a terra de Maringá, o mais antigo núcleo de povoamento do sertão paraibano, tem como patrimônio histórico a Igreja Nossa Senhora do Rosário, que através de sua existência, tradições e fé religiosa, foi criada a Festa dos Negros do Rosário, comemorada há mais de cem anos. Sua criação remonta-se ao período do Brasil colonial com a criação a partir dos movimentos dos negros escravizados que eram proibidos de frequentar a época, espaços onde aqueles que eram considerados da elite, transitavam. E dentre esses espaços estavam as igrejas que no caso da cidade de Pombal, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso era espaço da sociedade elitizada e a Igreja do Rosário destinada como espaço dos negros, livres ou escravizados, e de outros indivíduos não abastados.

Com a criação da devoção ao Rosário surgiu um sincretismo onde a fusão da crença católica passou a dividir espaço com as manifestações culturais dos movimentos africanos a partir dos negros que tiveram a época autorização para celebrar seus rituais. Ao longo da história, as raízes se fortaleceram e atualmente, as danças e manifestações culturais dos grupos que representam a cultura e religiosidade africanas na festa do rosário de Pombal, foram incorporadas a programação alusiva a festa do Rosário.

3.2 A IDENTIDADE NEGRA E AS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS DOS PONTÕES, CONGOS E REISADO

As manifestações folclóricas dos grupos afros como os congos, pontões e reisados que se apresentam durante o período das festividades do rosário representam uma interligação histórico/cultural das religiões de matrizes africanas e o catolicismo permanecendo vivas em todas as edições da festa do Rosário até os dias atuais. Esses grupos folclóricos são compostos por descendentes de escravizados, oriundos em sua grande maioria de comunidades quilombolas e alguns dos seus membros fazem parte da irmandade do Rosário (ROCHA, 2021, p. 111).

Foto 2: Grupos Folclóricos de Matrizes afros de Pombal Paraíba



Fotos: Acervo Junior Telmo.

Esses três grupos folclóricos são representantes de um contexto cultural rico em detalhes como as crenças africanas que se misturaram as manifestações religiosas do catolicismo/cristianismo. Durante as festividades alusivas ao Rosário é comum nas ruas da cidade a presença dessas manifestações na feira livre durante o dia e a noite os grupos se apresentam nos festejos religiosos, sempre reverenciando o Rosário como é costumeiro. As manifestações folclóricas e culturais de matrizes afro-brasileira, como os três grupos – congos, reisados e pontões –, são considerados como patrimônio da festa católica ao longo da história da Festa do Rosário.

Segundo Rocha, compõem os pontões homens descendentes de quilombos:

[...] é composto por homens, cujos ascendentes são de quilombos. Suas famílias tradicionais habitam a zona urbana e rural do município de Pombal-PB. Durante suas apresentações costumeiramente reverenciam o rosário, durante a procissão que é realizada conforme a tradição no primeiro domingo de outubro, sendo um

dos maiores acontecimentos tradicionais folclóricos e religiosos do Estado da Paraíba (ROCHA, 2021. p. 112).

Como descreve Rocha, os membros que formam esses grupos folclóricos no início eram homens de descendência africana direta. Atualmente são compostos por pessoas com ascendência quilombola de famílias tradicionais do município de Pombal como a comunidade quilombola Rufinos na localidade do Sítio São João e a comunidade quilombola Daniel. As manifestações folclóricas desses grupos em alusão a festa do Rosário são feitas costumeiramente no primeiro domingo do mês de outubro, e são consideradas como um dos principais atrativos da festividade, tanto no campo das manifestações folclóricas como religiosas (ROCHA, 2021. p. 112).

Os três grupos folclóricos que se apresentam durante as festividades alusivas ao Rosário são compostos por suas particularidades que os caracteriza de acordo com suas manifestações o que os diferenciam dos demais. Essas características são representadas nas vestias, danças, instrumentos de apresentação musicais o que faz cada um desses grupos diferentes do outro. Vale salientar que não se trata de uma disputa ou rivalidade entre essas representações, mas sim, de características diferentes que faz cada um deles único (ROCHA, 2021. p. 112).

O nome pontões está associado a uma espécie de lança usada pelo grupo em suas apresentações. Tal instrumento consiste em uma lança com fitas coloridas na ponta. De acordo com alguns relatos não oficiais, os pontões fazem parte da irmandade do Rosário dos pretos e durante o cortejo da festa do rosário, cabe a esse grupo representar a guarda real. Os membros do grupo são divididos em duas alas, sendo que a primeira é representada por homens vestidos caracteristicamente com roupas vermelhas, enquanto a segunda ala se veste de camisa azul (POMBAL, 2020).

O grupo denominado de congos, segundo os relatos memorialistas, remontam a origem dos escravizados que tinham suas raízes em um rio que banha uma região da África. Assim, vale destacar que essa afirmativa é baseada em relatos e não contém fonte documental ou registro historiográfico acerca da origem do nome do grupo. Ademais, consta a presença de outros grupos com essa denominação em todo o Brasil (POMBAL, 2020).

Dos três grupos folclóricos, o Reisado é que faz parte das festividades do Rosário mais recentemente, introduzido da década de 1980 pelo então vigário e pároco Padre Sólton Dantas de França. Anteriormente, esse grupo tinha suas manifestações culturais associadas a festa do dia de Reis (6 de janeiro), de onde se originou o nome do grupo que tem como característica as vestimentas na cor azul e vermelho. Outra marca do reisado são as suas músicas ao som de violão e pandeiro (POMBAL, 2020).

Portanto, a tradição dos grupos folclóricos, congos, pontões e reisado pode ser vista como parte integrante da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, que a partir das suas tradições tem um papel fundamental na construção da identidade e das raízes da festa. É notória a diferença em termos de representatividade de cada um dos grupos, seja por suas características ultrajantes ou pelo estilo de apresentação das suas manifestações folclóricas através da música e dança, mas ambos são considerados patrimônio histórico das festividades alusivas ao Rosário. Outro ponto a ser destacado em relação a festa é que popularmente o evento tem sua manifestação ao Rosário e não a Nossa Senhora do Rosário, denominada popularmente como “a festa do Rosário”. Essa diferença de termo referencial é de características informal e popular, onde as pessoas da cidade e visitantes denominam o evento.

A procissão do Rosário acontece no último domingo que encerra a festa, com saída da imagem de Nossa Senhora do Rosário em cortejo pela chamada rua do Rosário até a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após a celebração da missa de encerramento é devolvida a imagem, também em cortejo, ao local onde fica guardada a dita imagem até o próximo ano. Dessa maneira, a tradição se repete a cada festa do Rosário, demonstrando a crença e a devoção de um povo que a partir da sua participação fortalece o contexto da devoção. A festa do Rosário de Pombal ao longo do tempo sempre apresentou uma mistura de culturas e tradições religiosas afros representadas pelos grupos tradicionais folclóricos, pontões, congos e reisado e a religião católica representada pela celebração cristã da missa e sermões e adoração as divindades santificadas.

3.2.1 CARACTERÍSTICAS FOLCLÓRICAS DOS CONGOS

Os congos é um dos três grupos folclóricos de origem afrodescendente que se apresentam durante as celebrações da festa do rosário de Pombal com danças e vestimentas tradicionais. Com características marcantes que fortalece a tradição folclórica pombalense, como é visto nas vestimentas do grupo com calça branca, saia de renda rodada, camisas vermelhas e azul.

Na cabeça os membros do grupo usam um chapéu em forma de cone nas cores da camisa com fitas ou laços coloridos. Nas mãos trazem um maracá, enfeitado com fitas multicoloridas e durante a sua apresentação cantam e dançam com várias músicas que descrevem em suas letras, palavras de origem afro no seu repertório original, realizando coreografias. Como tradição, os membros dos congos saem pelas ruas em visita as famílias para

arrecadar contribuições e se dividem em duas alas, com seus instrumentos musicais que tem a frente o secretário e o embaixador do grupo. Ao centro caminha o “rei” vestido em um paletó com um guarda-chuva aberto, que são componentes do traje real.

Os congos durante seu cortejo, têm como marca a visita ao comércio da cidade no sábado da festa do Rosário, porém, quando chegam em algum estabelecimento ou residência, o rei pede licença e entram. Por parte do proprietário ou morador é oferecida uma cadeira aos “reis” e em sua observância inicia-se a dança que é bem característica. Depois da exibição, o dono da casa oferece bebidas ou oferendas em dinheiro. Segundo Ferreira, “Os Congos fazem poucas exhibições, geralmente em quatro residências diferentes, depois se retiraram para suas casas ou vão aos bares beber” (FERREIRA, 2014, p.18).

Durante toda semana da festa do Rosário, os congos se apresentam pelas ruas da cidade, assim como os demais grupos folclóricos, mas é no chamado grande dia da Festa do Rosário, no último sábado e no chamado domingo do rosário que o grupo acompanha a procissão pelas principais ruas da cidade até a igreja, onde assistem a missa e outras cerimônias religiosas.

3.2.2 CARACTERÍSTICAS FOLCLÓRICAS DOS PONTÕES

O grupo dos pontões, mais conhecidos como “os negros dos pontões” é o maior grupo folclórico da cidade de Pombal e também é o mais numeroso, assim como o mais tradicional. Divide-se em duas alas, ou cordões, que tem como identificação as cores azuis e vermelho (“encarnado”). Oriundos das raízes de matriz africana, é composto por pessoas da comunidade que durante a celebração da Festa de Nossa Senhora do Rosário saem às ruas da cidade em apresentações. Atualmente, realizam apresentações em diversos eventos culturais em outras cidades do sertão da Paraíba, e nos estados do Ceará e Rio Grande do Norte.

As vestias do grupo são compostas por trajes coloridas com lanças que tem um maracá na ponta e fitas coloridas. Geralmente o grupo é acompanhado por uma banda cabaçal que usa os seguintes instrumentos musicais: tambor, prato, fole e pífano, além dos maracás nas lanças, fazendo seu percurso somente ao som dos instrumentos sem utilizar a oralidade.

No sábado e no domingo da festa do Rosário alguns membros do grupo, por tradição, saem pelas ruas da cidade e pela feira em busca de doações de donativos que são destinados para a conservação da igreja, esses membros são conhecidos como a confraria do rosário. Durante a caminhada, segundo Ferreira (2014) é comum os membros do grupo dançarem e beberem cachaça, e com suas lanças enfeitadas, animam a feira com músicas regionais.

Como se pode observar, os pontões como grupo folclórico, ao lado dos congos e reisados, desempenham um papel importante no desenvolvimento do folclore de cultura afrodescendente. As manifestações populares de matrizes africanas, exercem forte influência na tradição religiosa da festa do rosário de Pombal, e essa mistura convive harmonicamente, ao menos na atualidade, com a celebração católica, formando uma fusão que enriquece o cenário da festa do rosário de Pombal.

3.2.3 CARACTERÍSTICAS FOLCLÓRICAS DO REISADO

O reisado é o grupo folclórico mais novo entre todos os atuantes nos festejos do Rosário em Pombal. Composto por uma ala de 16 membros, suas características são marcantes nas vestimentas e no seu repertório de cantos por possuir uma diversidade de passos. O grupo só veio a ser incorporado a festa de Nossa senhora do Rosário a partir da década de 1960, quando passou a fazer parte da programação folclórica como os pontões e os congos.

Tradicionalmente, o grupo do Reisado se apresenta com o rei, o secretário, o general, o Mateus, a burrinha, além dos folgazões. Assim como os demais grupos, o reisado é composto por membros da sociedade civil na sua maioria trabalhadores das zonas urbana e rural.

Caracteristicamente, o grupo se veste de camisas e calças brancas, com detalhes azul e sapatos pretos durante suas apresentações. Assim, podemos entender que todos esses grupos folclóricos que fazem parte das festividades do rosário de Pombal, são patrimônios culturais da cidade. Como também, as suas manifestações socioculturais que se remetem as origens africanas são vistas no contexto da sociedade local como parte integrante da celebração religiosa que vale afirmar, é um culto católico. Entendido como um legado cultural, as manifestações apresentadas por esses grupos trazem um legado histórico de representação do processo de formação da sociedade pombalense.

As manifestações socioculturais oriundas das tradições folclóricas devem ser preservadas, sejam elas materiais ou imateriais, como forma de preservar um legado histórico e de identidade de um povo. Basta saber que, sendo a cidade de Pombal um dos primeiros núcleos urbanos do interior da Paraíba, é certo que sua história cultural seja rica e variada, sobretudo, as que retratam as manifestações culturais dos grupos folclóricos que se apresentam durante a festa do rosário.

Pensando a partir desse entendimento, deve-se valorizar as expressões do povo que busca sua manifestação não na materialidade dos objetos, mas sim nos saberes, nas técnicas,

nos símbolos, nos valores, nas funções e nos significados que representam e ocupam na vida social cotidiana.

3.3 A FESTA DO ROSÁRIO COMO RESISTÊNCIA CULTURAL AFROBRASILEIRA

Muitas foram as formas de resistência contra o sistema escravista que predominou no Brasil desde o início da colonização até o final do século XIX. Uma das resistências foi justamente a cultural, quando pessoas que viviam em situação de escravidão, não abandonavam totalmente elementos da sua identidade, mesmo que o sistema buscase apagar tais características. Podemos citar como exemplo de resistência cultural africana contra o sistema escravagista a formação das Irmandades e Confrarias religiosas formadas por pessoas negras dedicadas à adoração de um santo católico. Pois, foi por meio dessas Irmandades que os Negros podiam ajudar uns aos outros, se organizar politicamente, e também continuar com a cultura herdada de seus ancestrais, por meio da mistura de elementos culturais africanos, que não eram bem-vistos na sociedade da época, na adoração aos santos católicos. Desse modo, a cultura negra podia ser exaltada, mesmo que de maneira camuflada, em uma sociedade escravocrata, como é o caso do período colonial e imperial na História do Brasil.

FOTO 3. Procissão e Missa em alusão a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal PB.



Fotos: Acervo Junior Telmo.

As confrarias religiosas compostas de pessoas de origem africana e afro-americana surgiram em várias regiões do Brasil, dentre estas: Pernambuco, Pará, Bahia, Rio de Janeiro,

São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte entre outras. Na Paraíba, mais especificamente na cidade de Pombal, essas manifestações foram enraizadas com mais vigor, o que elevou a ser o tema central desta Monografia.

Todas essas Irmandades religiosas para existir oficialmente precisavam que fosse aprovado um Estatuto ou Compromisso que era imposto pelo Estado e também pela Igreja, que deveriam ser seguidos pelos membros destas Confrarias, caso contrário, elas só existiriam na clandestinidade, sem um reconhecimento oficial das autoridades do período vigente.

Como vimos ainda no primeiro capítulo desta monografia, Manuel Antônio de Maria Cachoeira, que foi oficialmente o primeiro Juiz da Confraria, teve dificuldades em conseguir a aprovação da Igreja para criar oficialmente a Irmandade dos Negros do Rosário da cidade de Pombal, necessitou fazer três viagens a pé até a cidade de Olinda a fim de conseguir falar com o Bispo, para então receber a autorização da Confraria. Uma dessas dificuldades, como já foi dito aqui nesta monografia, seria por divergências com os padres locais, sendo necessário muito esforço e diálogo para conseguir essa aprovação da parte da Igreja.

Esse problema enfrentado por Manuel Cachoeira na cidade de Pombal, aconteceu também em várias partes do Brasil durante o período colonial e no Império, durante o período escravista em nosso país, reflexo do preconceito em relação a cultura negra trazida pelos africanos. Ao chegar no Novo Mundo, os africanos eram obrigados a se converterem a fé cristã, o que também servia como uma forma de dominação dos colonizadores sobre os escravizados, fazendo-os esquecer de sua cultura da terra natal, pacificando-os e melhor adaptando-os ao trabalho da América Colonial. Tal imposição, por vezes violenta, nem sempre funcionou, pois os africanos, mesmo sendo tirados de seu continente de origem, guardavam em sua memória elementos de sua identidade, a sua cultura, e as experiências vividas na sua terra natal, as quais puderam compartilhar com as gerações seguintes. Todavia, é válido destacar que este aspecto foi rebatido e banido por muito tempo, apontando-se que a cultura de matriz africana era algo menor, sendo as práticas religiosas, por vezes, considerada algo demoníaco (ALBURQUEQUE, 2006).

O que aconteceu no Brasil desde o período colonial até o início da República foi a mistura de elementos da cultura cristã com elementos da cultura ancestral africana, formando-se um catolicismo singular, que incluía traços da cultura afrodescendente, de diversas origens, portanto, plurais nas suas celebrações (REIS, 1996).

Como os negros eram proibidos de cultuar as divindades de sua religião ancestral, muitos santos da fé cristã, foram adotados e cultuados por eles como divindades da religião de seus ancestrais, a exemplo de Santa Efigênia e Santo Elesbão, como analisou Mariza Carvalho

Soares na obra *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro do século XVIII* (2000). Assim, cria-se uma releitura do catolicismo, incluindo elementos africanos, fosse pela cor negra dos santos ou por sua trajetória. Isso resultou também aqui no Brasil, na criação das religiões de matrizes africanas que conhecemos hoje, como por exemplo, o Candomblé e a Umbanda.

Engana-se quem pensa que os africanos simplesmente abandonaram as suas crenças para se converter ao cristianismo. Na realidade, os negros, escravizados e livres, a partir de elementos do cristianismo teceram associações com suas culturas de origem, o que viabilizou a sua conversão a religião cristã. Isso aconteceu tanto no continente africano, como também no Novo Mundo. Podemos perceber isso na obra do historiador John Thornton, *A África e os Africanos na formação do Mundo Atlântico 1400-1800* (2004), onde o autor detalha como se ocorreu o processo de conversão ao cristianismo pelos povos africanos que, segundo ele, ocorria a partir de elementos das crenças da religião africana que compactavam com as crenças da religião cristã europeia. Foi a partir dessa compactação de elementos do cristianismo que se assemelhavam com as crenças africanas, que levou o povo africano aos poucos a aceitar o cristianismo como sua religião.

Thornton (2004) explica que algumas dessas compactações entre as duas religiões, cristianismo e as de matriz africana se assemelhavam, e que foram importantes no processo de conversão da população africana a religião cristã. Foi por causa das compactações entre as duas religiões, junto com as revelações obtidas pelos próprios africanos, de forma individual e coletiva, que houve condições para a conversão da população africana.

Nas Costa do Ouro e da Costa dos Escravos entre 1678 e 1682, a religião entre os povos de origem africana tinha forte representatividade com crenças em deuses supremos, ou seja, este é uns dos pontos semelhantes que partilhavam o catolicismo. A crença principal do cristianismo, que é uma religião monoteísta, é em acreditar em um deus supremo, o Deus pai, para os cristãos, que é o “criador do céu e da terra”, e “pai do salvador Jesus Cristo”. Para os cristãos essa é uma verdade inquestionável sobre a sua religião. O fato de os africanos, como aponta Thornton (2004), acreditarem “em um deus supremo que governava o outro mundo”, o qual influenciava os acontecimentos deste mundo, é um ponto fundamental em que se assemelhavam as duas religiões.

Outro ponto semelhante entre as duas religiões, tanto no que se diz respeito ao cristianismo e as religiões africanas, está nas revelações. Tanto os cristãos, quanto os sacerdotes religiosos africanos, tinham as revelações como ponto fundamental de suas religiões. Os cristãos, mais especificamente se tratando do catolicismo, acreditam nas revelações da bíblia,

tanto do Antigo Testamento, onde encontramos figuras bíblicas, muito importantes para a fé cristã, como por exemplo: Moisés, Salomão, Davi, Abraão e etc. Como também há as revelações contidas no Novo Testamento, que foram trazidas por Jesus Cristo, o Filho de Deus, que é o personagem principal da fé cristã. Além da bíblia, os cristãos católicos acreditam nas revelações contínuas trazidas pelos sábios da Igreja, e também pelos santos e santas, que surgiram após a escrita da bíblia. Tratando-se das religiões africanas, os seus sacerdotes acreditavam no processo de revelação contínua, os quais explicavam as ações da natureza, e dos fatos presentes.

O fato de os africanos acreditarem na revelação contínua, que era apresentada pelos seres sobrenaturais, se assemelhava com as práticas cristãs católicas, das revelações contínuas obtidas pelos santos e outros fiéis da Igreja. Os cristãos acreditavam que essas revelações eram inspiradas por Deus e pelo Espírito Santo e que tinham como objetivo fortalecer a fé das pessoas. Esse conceito das revelações, em que se assemelhavam as duas religiões, foi sem dúvida um ponto fundamental que levou os africanos a aceitarem e a se converterem ao cristianismo.

Contudo, há uma diferença entre as duas religiões no tocante ao conceito das revelações, a questão da validade das revelações obtidas. Para os cristãos qualquer revelação que não seja de origem divina (inspirada por Deus ou pelo Espírito Santo, e também pelos anjos e santos), teriam grande possibilidade de ser de origem diabólica, ou seja, seria uma revelação falsa trazida pelo diabo, figura que simboliza o mal na fé cristã, e por isso não deveria ser considerada. Isso era o que muitos cristãos europeus pensavam de muitas das revelações trazidas a público pelos sacerdotes das religiões africanas.

Muitos europeus, além disso, acreditavam que embora as revelações africanas fossem mensagens genuínas do outro mundo, tinham origem diabólica e por isso não deviam ser seguidas, um ponto contestado pelos africanos. Os africanos estavam menos preocupados com as revelações consideradas diabólicas, mas tinham dificuldade em aceitar a validade de muitas das revelações que os europeus diziam ter recebido no passado remoto e para as quais não havia testemunhas recentes (THORNTON, 2004, p.317).

Desse modo, percebe-se que do mesmo modo que os cristãos europeus duvidavam da validade das revelações obtidas pelos sacerdotes das religiões africanas, atribuindo sua origem ao demônio, da mesma forma, os africanos desconfiavam das revelações que fundamentam a fé cristã. Os personagens bíblicos teriam vivido em um passado distante, e não havia em vida nenhuma pessoa ou testemunha que pudesse servir de prova para dar certeza da validade dessas

revelações. Mesmo com essas divergências a revelação continua foi um dos aspectos em que se assemelhavam as duas religiões.

Logo após a chegada dos primeiros padres católicos oficiais no Congo, onde o processo de conversão mais bem sucedido, dois nobres congolenses sonharam ao mesmo tempo com uma linda mulher que suplicava ao Congo para seguir o cristianismo. Além disso, um deles também encontrou uma pedra, que era “preta e diferente de qualquer outra no país” em forma de cruz próximo à sua casa. Quando o rei Nzinga, um nkuwu, ouviu essas histórias, pediu explicações ao clero cristão presente. Eles explicaram sem hesitar que a mulher no sonho era a Virgem Maria e que ela e a pedra eram “sinais de graça e salvação” e que os eventos eram “milagres e revelações” (THORNTON, 2004, p.338).

Se o clero cristão via esses eventos como milagres e revelações, o Congo também. Como vimos anteriormente, sonhos e pedras incomuns representavam formas de presságio no Congo, e por isso uma forma aceitável de revelação. Para provar isso de maneira mais completa, a primeira igreja construída no Congo foi dedicada à Virgem Maria, que apareceu no sonho, e a pedra foi colocada dentro dela como objeto de veneração (THORNTON, 2004 p.338).

Mesmo com esses exemplos citados nos dois parágrafos acima, devemos ter em mente, que o processo de conversão dos povos africanos muitas vezes aconteceu por forma de uma catequização violenta, que não aceitava qualquer manifestação religiosa que não fosse da forma como os colonizadores acreditavam ser a verdade de sua religião. Esses exemplos citados acima, apenas querem ressaltar, que os africanos, muitas vezes não abandonavam suas crenças, por simples imposição dos colonizadores europeus, eles resistiam. Quando essa conversão acontecia, muitas vezes eles tinham revelações, com base em suas próprias crenças. Sem contar o sincretismo religioso, que conhecemos hoje, nas religiões de matrizes africanas, onde santos cristãos são venerados como divindades africanas.

Seguindo o exemplo colocado por Thornton (2004), podemos ver que nesse caso houve concordância entre as duas religiões a respeito dessas duas revelações, tanto do sonho que tiveram os dois nobres do Congo, como da pedra em formato de cruz encontrada próximo à casa de um deles. O presságio era um dos principais elementos das religiões africanas, que podiam ser trazidos através de sonhos ou pedras diferentes de qualquer outra já encontrada. Por isso a mulher com a qual sonhou os dois nobres (que segundo o clero cristão era a Virgem Maria) e a pedra em forma de cruz foram motivos suficientes para a população do Congo acreditar nessas revelações.

Thornton (2004, p. 339) analisou ainda uma segunda revelação obtida pelo segundo rei cristão do Congo, que reforçou a primeira revelação e ideia de presságio para a conversão ao

cristianismo da população do Congo. Essa segunda revelação através da visão que teve o segundo rei cristão do Congo de São Tiago Maior, fortaleceu ainda mais o presságio da primeira revelação, tornando São Tiago um santo bem importante para a população do Congo, tornando-se o maior feriado do Congo. Essas revelações eram aceitas tanto pelos africanos, como também pelo clero da Igreja Católica.

Essas co-revelações ocorriam de tempos em tempos. No século XVII, freis capuchinhos registraram uma aparição da Virgem a uma devota de São Salvador e outra que deu vitória ao Conde de Nsevo contra os rebeldes. Os missionários da província de Nsoyo, no litoral do Congo, ouviram que o anjo da guarda da província aparecera sobre a igreja e falara com o Conde de Nsoyo, pedindo a paz entre ele e seu senhor feudal no Congo. Essas aparições interessavam muito ao Congo, que as levava a sério, assim como os sacerdotes, que também as encaravam como revelações divinas (THORNTON, 2004, p.339).

Essas revelações mostram que os africanos não abandonaram as suas crenças para se converterem ao cristianismo, muitas dessas revelações eram de suas próprias divindades. Muitos dos africanos trazidos como escravizados para a América, mesmo os que não haviam se convertido ao cristianismo, já tinham conhecimento da religião cristã em seu continente de origem (THORNTON, 2004).

Apesar de serem forçados a conversão no continente americano, eles não abandonaram suas crenças, o que houve no Novo Mundo era um sincretismo entre as crenças ancestrais africanas e o catolicismo. Muitos santos da fé cristã passaram a serem venerados como antigas divindades africanas. As Irmandades religiosas, formadas por pessoas de ascendência afro-americanas, dedicadas ao culto de um santo católico é um exemplo desse sincretismo entre as duas religiões.

Algumas vezes, as co-revelações milagrosas tomavam uma forma diferente e dramática. Quando a rainha Jinga pensou em permitir que os padres viessem à sua base em Matamba em 1654 e convertesse seu povo, ela se aconselhou com três espíritos mediúnicos (xingula) que a serviam. Cada um dos médiuns foi possuído por um de seus ancestrais, e ela perguntou se deveria seguir o cristianismo a cada um dos ancestrais teria respondido através dos médiuns, os quais teriam incitado o aceite. O episódio foi encarado como milagre, tanto por Calisto Zelotes dos Reis Magos, o padre do Congo que o testemunhou, quanto por Antônio de Gaeta, que o registrou, pois como viram, o próprio demônio (o “verdadeiro possuidor dos médiuns) estava admitindo a derrota (THORNTON, 2004, p.340).

Algumas dessas revelações obtidas pelos africanos eram consideradas divinas pelo clero católico, outras não. Como vimos as revelações que aconteceram através do sonho com uma

linda mulher, que o clero católico afirmou ser a Virgem Maria e da pedra em forma de cruz encontrada, e também a visão de São Tiago, que teve o rei do Congo, foram consideradas divinas pelos padres cristãos, já outras não. No caso dos espíritos dos ancestrais, que falaram através dos médiuns, foram explicadas pela Igreja como o demônio que havia possuído os médiuns e admitido a sua derrota, ou seja, a possessão do espírito continuava sendo uma prática reprovada pela Igreja, que a considerava demoníaca, mas foi considerada como milagre pelo clero presente, pois significava, que o demônio havia assumido a sua derrota.

Outro caso citado por John Thornton (2004) que corrobora a rigidez dos padres católicos no tocante à validade ou não da revelação, é em relação a uma médium que teria sido possuída por Santo Antônio, e que incentivava a população a converter-se ao cristianismo. Mesmo incentivando os africanos a conversão, o clero católico tratou essa prática como demoníaca, pois a possessão por um espírito era considerada uma prática diabólica pela Igreja Católica. Essa médium foi denunciada ao rei do Congo, e tempos depois executada.

Esse caso ilustra que nem todas as revelações dos africanos, mesmo as que fossem ambientadas na religião cristã, eram aceitas pelo clero católico. Em relação aos sonhos com Nossa Senhora, a pedra em formato de cruz encontrada, e a visão de São Tiago, que teve o rei de Congo, foram aceitas pela Igreja como revelações divinas. Mas, a possessão do espírito, como no caso de Beatrice, foi reprovada pelos membros da Igreja, por ferir os seus preceitos e ser considerada uma prática demoníaca.

Já em relação a conversão dos africanos na América, houve algumas diferenças em relação as conversões que aconteceram em alguns países da África, pois no continente africano, cada região tinha um sistema de crenças diferentes.

Para Thornton (2004, p. 344) tratava-se de “uma cosmologia africana específica”, ou seja, uma cosmologia regional comum. Diante do contexto acima, os africanos que tinham suas crenças de suas regiões originais foram forçados a aceitar o catolicismo, resultando em uma religião que não era completamente cristã. Apesar de ter acontecido a conversão dos afro-americanos ao catolicismo, eles não abandonaram as crenças de matrizes afro.

Dentro das crenças e/ou religiões que tem origem africana há várias representações que se assemelham aos santos do catolicismo adotados e cultuados, com nomes representativos nas entidades afros como: São Benedito na umbanda (preto velho), santa Bárbara no candomblé (Oyá) a Virgem Maria no candomblé (Iemanjá). Nossa senhora do Rosário na umbanda é a orixá Ifá, a santa católica de maior devoção dos negros. A todos esses santos, foram dedicadas Irmandades religiosas formadas por pessoas de descendência africana, que tinham por objetivo cultivar esses santos, através da veneração e na realização de festas religiosas. No período

colonial, as vilas brasileiras tinham forte representatividade religiosa a partir das Irmandades católicas, onde grande parte da população fazia parte de uma confraria dedicada a um santo padroeiro. Existam Irmandades religiosas formadas tanto por pessoas brancas, como também por pessoas negras.

Segundo Mattoso (1992) as três Irmandades religiosas mais difundidas no Brasil, foram: A Irmandade da Misericórdia, A Irmandade do Santíssimo Sacramento, e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, sendo esta última a mais difundida pela população negra no Brasil. A Irmandade, iniciou-se como uma confraria mista, e com o tempo passou a ser exclusiva a população afrodescendente. Negros, “pardos”, “mulatos”, “cafuzos”, entre outras denominações, eram os membros dessa Irmandade.

Dentro das manifestações religiosas de devoção ao santo, era de senso comum que os negros participassem das celebrações. Conservar os antigos costumes, na veneração do santo, da determinada Irmandade religiosa, foi sem dúvida, o principal elemento da resistência cultural negra, através das confrarias religiosas, formadas por afrodescendentes. As coroações dos reis de Congo, nas festas religiosas, demonstravam honraria dos negros a cultura de seus antepassados através de celebrações religiosas a determinado santo.

Em Pombal essa prática de devoção a uma divindade cristã também tem sua representatividade com o culto a Nossa Senhora do Rosário por meio da celebração da festa do rosário e como em outros lugares, a tradição da coroação do rei de representação afro é exercida. Assim, a festa do Rosário de Pombal é uma mistura de tradições construídas por laços da religião cristã/católica com as manifestações de raízes africanas. Esses movimentos formam um elo que culturalmente é um rico demonstrativo do sincretismo religioso, tendo como ponto principal a devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Muitos outros elementos da cultura e religiosidade africana podem ser identificados na celebração da festa do Rosário de Pombal, como mencionadas apresentações de danças dos grupos folclóricos que compõem a festa. Essas manifestações podem ser representadas através das músicas, dos instrumentos musicais, utilizados por esses grupos, pelas vestimentas e outros aspectos de origem africana que são demonstradas durante o período da festa.

3.4 A FESTA DO ROSÁRIO NA CIDADE DE POMBAL-PB

Nas noites de novena, durante as festividades em honra a Virgem do Rosário, as praças da cidade lotam de gente. A população pombalense vem ao centro da cidade prestigiar as comemorações. Até mesmo pessoas que não professam a religião católica comparecem ao

centro da cidade, durante as noites do período festivo, não necessariamente para assistir as missas ou novenas, mas para assistir as apresentações dos grupos folclóricos, ou outras atrações que acontecem durante a Festa do Rosário.

Essas pessoas também vêm para admirar o centro da cidade, que está todo enfeitado com o tema da Festa do Rosário do ano, e também cheio de parques de diversões que fazem a alegria dos mais jovens da cidade. Muitos comerciantes aproveitam-se da multidão para vender seus produtos, até mesmo comerciantes de outros lugares do Brasil, se instalam no centro da cidade, para conseguir vender seus produtos, ou para ganhar algum dinheiro por causa da grande movimentação das pessoas nas praças da cidade.

Muitos desses produtos que são vendidos durante a Festa do Rosário na cidade de Pombal, tem a ver com objetos religiosos, como imagens, terços e outros. A Igreja Católica também instala barracas na praça que separa as duas Igrejas da cidade de Pombal, onde vende livros religiosos, folhetos com a programação da Festa do Rosário do ano e etc. Nos folhetos podemos encontrar os nomes dos Padres que irão celebrar as novenas durante as festividades em honra a Virgem do Rosário e as músicas que serão tocadas durante as mesmas. Membros da Irmandade do Rosário saem pedindo a população alguma contribuição para arcar com os custos da festa. Nesse sentido, além de fomentar o comércio local e regional da cidade de Pombal, o evento religioso enaltece a cultura, tradição e história da cidade, contribuindo na formação da Identidade cultural do povo pombalense e de sua representatividade.

Conforme Chartier (1991), podemos destacar as representações como elementos essenciais para compreensão das relações humanas em seus diversos âmbitos. Desse modo, não se deve limitar as representações a meros elementos ilustrativos de caráter fantasioso, elas trazem em si discursos de poder e refletem, para além da pretensa intenção de demonstrar a realidade tal qual ela foi ou é. Portanto, trata-se de um campo de disputa. Logo, cabe ao historiador, ao refletir sobre determinado elemento representativo, questionar para além da sua fidedignidade, buscando assim identificar os simbolismos ali contidos.

Segundo Chartier,

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade. (CHARTIER, 1991. p 183)

Pelo fato de a Festa do Rosário ser celebrada desta forma na cidade de Pombal, como um evento de grande proporção, ela se tornou parte da formação da Identidade da população pombalense. Qualquer pessoa que tenha morado em Pombal tempo suficiente, já foi ou sabe da existência da Festa do Rosário. Um evento religioso que acontece todos os anos no município há mais de cem anos. Muitas gerações passaram pela cidade de Pombal desde a primeira festa oficial realizada no município, que aconteceu por volta das últimas décadas do século XIX.

Tem-se dúvidas sobre em que ano aconteceu a primeira Festa do Rosário, de maneira oficial na cidade de Pombal. No livro *Irmandade dos Negros do Rosário de Pombal*, o autor Jerdivan Nobrega de Araújo nos dá algumas pistas sobre o ano em que aconteceu a primeira Festa de maneira oficial no município, que teria acontecido logo após a oficialização da criação da Irmandade dos Negros do Rosário. O autor cita o artigo 17 do Compromisso Civil imposto a Irmandade do Rosário, que diz:

Na primeira sessão de 1 de Janeiro se liquidará todas as contas dos empregados, irmãos e tesoureiros e não o sendo possível na domingo que seguir-se, na 1 sessão d domingo da Ressureição, se procederá a eleição anual dos empregados, na 3 sessão da 2 domingo de Agosto se tratará sobre o festejo da Senhora do Rosário, conforme a possibilidade e fundos do cofre, promovendo subscrições, e na 4 sessão da 1 domingo de Outubro, a celebrará a festa e fará procissão de acordo com os andamentos diocesanos (Lei n 858 de 10 de novembro de 1888) (ARAÚJO, 2014, p. 95, 116 e 117).

Após citar o artigo 17 do compromisso civil imposto aos Negros do Rosário, o autor chama a atenção para o fato de que até o ano de 1888, a hoje conhecida Igreja do Rosário da cidade de Pombal ainda não era de uso da Confraria, o que só veio a acontecer a partir do ano de 1888, logo após a oficialização dos compromissos que deveriam ser seguidos pela Irmandade dos Negros do Rosário.

O artigo acima nos leva a deduzir que a Festa e a Procissão já existiam há bastante tempo, no entanto, o Rosário não era conduzido até a Igreja do Rosário, que até então não era ainda do uso da Irmandade. A dita igreja só passou a ser usada pela Irmandade a partir de 1888, dividindo o espaço com a irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso, fato já apontado nos capítulos anteriores (ARAÚJO 2014, p. 95 e 96). Isso significa que antes de 1888, os Negros do Rosário, já celebravam a Festa do Rosário entre eles, mas sem o reconhecimento oficial do Estado e da Igreja, o que só veio a acontecer a partir de 1888.

Ainda segundo Araújo (2014, p. 89), a Igreja do Rosário só passou a fazer parte do Patrimônio da Irmandade no ano de 1895. Mesmo a Igreja do Rosário não sendo uma construção fruto do trabalho dos negros devotos do Rosário, é um patrimônio da Irmandade

desde 1895. A Igreja, bem como a Casa do Rosário pertenciam a Irmandade e não a paróquia (ARAÚJO, 2014, p. 89). Isso significa que talvez a primeira Festa oficial possa ter acontecido no ano de 1895, pois foi nesse ano que a Irmandade dos Negros do Rosário passou a fazer uso exclusivamente desta Igreja. Ou seja, a primeira Festa do Rosário realizada de forma oficial no município de Pombal, possivelmente aconteceu entre os anos de 1888 e 1895.

Independente do ano em que aconteceu a primeira Festa do Rosário de forma oficial no município de Pombal, a certeza que se tem é que isso veio a ocorrer no final do século XIX, significando mais de cem anos de história, fé e tradição na cidade de Pombal. Muitas gerações de cidadãos pombalenses passaram pela cidade em todos esses mais de cem anos de Festa do Rosário no município, fazendo com que este evento religioso compusesse a formação da Identidade do povo pombalense.

Uma das pessoas que mais contribuíram para que a Festa do Rosário se tornasse esta grande festa religiosa, conhecida em todo o Estado da Paraíba, e até em outros estados no Brasil, foi sem dúvida o Padre Valeriano Pereira de Sousa. O pároco que comandou a Paróquia de Pombal, desde o final do século XIX, até por volta da metade do século XX, foi tão importante na governança da Paróquia de Pombal, que seus restos mortais, foram enterrados dentro da atual Igreja Matriz do município.

Araújo (2014) destacou a importância do pároco para a Irmandade dos Negros do Rosário, sendo considerado pelos membros da confraria o padrinho da Irmandade, devido à sua contribuição em defesa da confraria e também por transformar a Festa do Rosário em um evento importante na cidade de Pombal, chegando a se tornar uma grande festa religiosa, conhecida tanto em âmbito estadual, como também nacional. Ele aproveitou a festa para capitalizar a paróquia através das quermesses e leilões entre os féis (ARAÚJO, 2014, p. 87).

Assim, pode-se perceber a importância do Padre Valeriano para a cidade de Pombal, e também para a Irmandade dos Negros do Rosário ao transformar a Festa do Rosário neste grande evento religioso com repercussão na atualidade. A festa, aproveitada para capitalizar a paróquia, contribui bastante, como já dito, no desenvolvimento do comércio do município, que gera renda, tanto para os comerciantes, quanto pela Igreja, e as vezes até para a própria Irmandade, dependendo das arrecadações.

Tudo isso só existe hoje, em primeiro lugar pela Irmandade do Negros Rosário de Pombal, que realiza, este importante evento religioso e cultural no município, e também na pessoa do padre Valeriano, responsável pelo desenvolvimento da festa na cidade. Também não devemos esquecer da pessoa de Manoel Cachoeira, que foi o responsável pela oficialização da confraria, na cidade de Pombal, através da sua luta, para que esse objetivo fosse alcançado,

através das suas conversas com os párocos locais, e também por ir três vezes a pé a cidade de Olinda, conversar com o Bispo, conseguindo o feito apenas na terceira tentativa. Através da luta dessas pessoas, bem como dos indivíduos que se identificavam com as práticas religiosas e folclóricas da instituição, que hoje existe a Festa do Rosário da cidade de Pombal.

Segundo Araújo (2014), o padre Valeriano chegou jovem na cidade de Pombal, no dia 27 de setembro de 1893. O padre Valeriano, recém ordenado, no final do século XIX, já tinha uma postura mais moderna, diferente dos outros padres que passaram pela Paróquia de Pombal anteriormente. Foi o padre Valeriano, quem recebeu a conclusão da nova Igreja Matriz do município, que foi concluída no ano de 1897. Dois anos antes, em 1895, a antiga Matriz da cidade, passou a fazer parte do patrimônio da Irmandade e isso aconteceu justamente, quando a Paróquia de Pombal, esteve sob a governança do padre Valeriano.

Para Araújo (2014, p. 87), o fato de o padre Valeriano ser “um educador desprovido de preconceitos étnicos” foi o principal aspecto para o desenvolvimento da Irmandade e da Festa do Rosário. Manoel Cachoeira, teve sérias dificuldades, em conseguir a oficialização da confraria, por divergências com os padres locais. Isso com certeza, se dava pelos preconceitos étnicos, que existiam (e ainda existem). Os párocos que passaram pela Paróquia de Pombal antes do Padre Valeriano ordenaram-se e viveram ao longo do século XIX, época em que o Brasil era organizado politicamente pela monarquia imperial, quando o sistema escravagista ainda perdurava, o que explica os preconceitos étnicos da época. O padre Valeriano, considerado diferente, ao chegar em Pombal acolheu a Irmandade do Rosário, transformando a sua festa em um grande evento religioso no município.

A Padroeira de Pombal, é Nossa Senhora do Bom Sucesso, isso aconteceu logo após a Conquista do Arraial de Piranhas no ano de 1698, quando após a vitória sobre os nativos, os colonizadores, comandados por Teodósio de Oliveira Ledo, consagraram a Nossa Senhora do Bom Sucesso como padroeira do Arraial, após o “bom sucesso” da conquista. Anualmente também ocorre as festividades dedicadas à Nossa Senhora do Bom Sucesso. Contudo, a festa do Rosário é o maior evento religioso do município. Muito pombalenses acreditam, equivocadamente, que a padroeira de Pombal é Nossa Senhora do Rosário. Disso podemos ver o quanto a Festa do Rosário, é importante para a cidade de Pombal, fazendo confusão até mesmo, sobre qual santa é a verdadeira Padroeira do município, devido a altíssima amplitude do evento religioso no município.

Tratando-se na questão da formação da identidade do cidadão pombalense, pode-se dizer que a Festa do Rosário, de certo modo contribui para este processo. Isso ocorre por alguns motivos. O primeiro que vou citar é na questão da religião, pois como já coloquei em parágrafos

anteriores, a cidade de Pombal é uma cidade historicamente católica, desde a sua fundação no final do século XVII, e isso pode ser percebido também atualmente, onde a Igreja tem forte influência nos eventos, inclusive festivos, que a cidade realiza. Ou seja, a maioria da população da cidade de Pombal é católica e se identifica com os eventos promovidos pela Igreja.

Durante o período da festa do Rosário registra-se muitas pessoas nascidas em Pombal, mas que moram em outros lugares, voltarem a cidade visitar nesta época do ano. Esses dois pontos fazem compreender um pouco sobre a influência da Festa do Rosário, na formação da identidade social da população pombalense, seja pelo motivo da religiosidade em virtude da Festa do Rosário como evento católico, ou pelo fator social de reencontros e confraternizações.

E sendo considerada uma das mais tradicionais festas religiosas do Nordeste com mais de trezentos anos de história, a festa de Nossa Senhora do Rosário se confunde com a vida cotidiana dos habitantes locais por várias gerações. Essa junção da identidade social e religiosa faz com que o cidadão pombalense se identifique com a Festa do Rosário construindo laços de interligação social e religioso com o evento. Outro fator a ser destacado, por ser a única cidade do sertão paraibano a realizar a festa do Rosário como um evento de grande proporção, chegando a trazer uma grande multidão em praça pública.

Considerada como uma festa católica, mas que apresenta traços das religiões afro-brasileira, a festa do Rosário de Pombal é realizada pela Irmandade dos negros do Rosário, juntamente com os grupos folclóricos, que se apresentam durante as noites de novenas no período festivo. Do mesmo modo, em outras cidades pelo Brasil, quem realiza a Festa do Rosário sempre são as confrarias formadas por pessoas negras, as responsáveis pela realização deste importante evento religioso que acontece em nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a cultura popular é fundamental na construção de um acervo historiográfico sobre o qual, se permite entender a formação sociocultural de um povo. Diante desse contexto, o presente estudo fez uma breve análise da festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal a partir de uma construção historiográfica ao longo do tempo.

A festa do rosário de Pombal foi uma das primeiras manifestações religiosas do sertão da Paraíba com mais de trezentos anos de tradição. No entanto, o evento religioso passou por várias mudanças ao longo do tempo que vão desde a sua estrutura física, como na parte religiosa, pelo fato de que surgiu como uma manifestação de devoção a Nossa Senhora do Rosário pelos negros livres, escravizados e seus descendentes. Nesse estudo, foi feita uma abordagem acerca dos elementos que compõem a festa do Rosário com o intuito de melhor compreender a história desse evento religioso sincrético. Considera-se que a identidade sociocultural de um povo é construída através de lutas, resistências, logo, o simbolismo religioso da festa analisada é uma dessas identidades plurais, representativas de uma devoção, de fé, mas que refletem o seu contexto social conflituoso.

Durante o período do Brasil colonial e posteriormente, no império e início da República, o cristianismo foi predominante a partir da colonização portuguesa, exercendo absoluto controle através da igreja católica. Desta forma, qualquer outro tipo de manifestação dessa natureza que não fosse a cristã/católica era proibido e hostilizado, e em muitos casos, havia punições pela igreja e julgamentos por parte da sociedade alinhada com a Igreja. Em Pombal não foi diferente, aqui como nos demais lugares que fazem parte do contexto histórico religioso, os dogmas e costumes das famílias tradicionais caminharam ao lado da religião cristã sempre sob a doutrina da igreja católica romana.

Ao longo dessa pesquisa percebeu-se que aos negros de origem africana, livres e escravizados, posteriormente libertos, em meio ao contexto de imposição simbólica e física, conseguiram no catolicismo e nas manifestações populares um meio de propagarem suas crenças. Assim, a conclusão desse estudo é que a história da religiosidade no município de Pombal tem como base um longo contexto que teve início durante a ocupação dessa região ainda no período colonial, prolongando-se até os dias atuais.

Nesse sentido, acredita-se que os povos africanos foram resistentes ao processo de colonização, pois o culto religioso a Nossa Senhora do Rosário, principal manifestação de devoção religiosa do município, representando forte influência da religiosidade, e, sobretudo, do sincretismo religioso constituído entre a fé cristã representada pela festa do

Rosário de origem católica e as manifestações de crenças afros, dos grupos folclóricos: congos, pontões e reisado que fazem parte dessa celebração.

A luta por liberdade em manifestar suas crenças levou os negros, livres, libertos e escravizados a trocar os nomes das suas antigas divindades por santos da religião católica/cristã durante o período colonial e imperial. Desta forma, com o passar do tempo, criou-se um sincretismo entre aquilo que era considerado a religião oficial (catolicismo) com as crenças afros, formando um rico mosaico sociocultural.

A fé católica durante esse período era como religião oficial em todo o território que hoje compreende o Brasil e conseqüentemente, com ampla dominação, era assumida pelas pessoas de Pombal, sendo a principal manifestação religiosa ainda em dias atuais desempenhando um papel fundamental como instituição religiosa e social presente em todos os aspectos da vida cotidiana, incluindo celebrações religiosas, rituais, sacramentos e ensinamentos morais. Ao longo do tempo, as igrejas, principalmente as mais antigas desempenharam funções de interesse popular marcando presença em diversos momentos de a sociedade civil como participar das cerimônias religiosas, como missas, batismos, casamentos e funerais o que ajudou a fortalecer sua influência no estado e na sociedade em geral.

Ao estudar sobre tradição religiosa é muito importante atentar para as questões locais ao passo que cada lugar tem sua representatividade sociocultural. No caso de Pombal, quando se refere a festa do Rosário percebeu-se que essa tem origem nas manifestações afro com os negros escravizados que eram proibidos de frequentar lugares sociais e que por esse motivo passaram a se organizar e a celebrar a festa do Rosário dos pretos, hoje reconhecida como a festa de Nossa Senhora do Rosário. Ao longo do tempo, essa celebração restrita ganha proporção e passa a ser oficializada a partir da criação da irmandade dos negros do Rosário quando é oficializada a participação da igreja católica na organização do evento. Em suma, essa pesquisa buscou construir uma abordagem acerca da história da festa de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, Paraíba, ao longo da sua história a partir do entendimento dos seus contextos histórico, social e cultural, levando em consideração duas linhas de abordagens: a saber, a religiosidade e sua influência social e a participação afro e suas crenças na construção do sincretismo religioso que ajudou a constituir os vínculos de formação estrutural desse evento.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de (et al). **Uma história do negro no Brasil**. Centro de Estudos Afro-Orientais, 2006.
- ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. **300 anos da Construção da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso**, Pombal-1721 a 2021. Editora Ideia. João Pessoa -PB, 2021.
- ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. **Escravizados e escravizadores da Vila de Pombal da Parahyba do Norte: Batistérios, Óbitos, Inventários e Alforrias**. Itabuna, BA: Mondrongo, 2020.
- ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. **Escravizados e Escravizadores da Vila de Pombal da Parahyba do Norte: Batistérios, Óbitos, Inventários e Alforrias**. 1999.
- ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. **A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário**. Editora Imprell. João Pessoa, setembro, 2014.
- ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. **Em Algum lugar chamado Pombal: Crônicas do cotidiano**. Editora Imprell. João Pessoa, 2010.
- ARAÚJO Neto, José Tavares de. Ainda sobre a Festa do Rosário de Pombal. **Correio da Paraíba, Caderno Cultura**. João Pessoa-PB, 04 de nov. 1998, p. 06.
- BRASIL, Ibge cidades censo demográfico 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-dejaneiro/panorama>. Acesso em outubro de 2023.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 30 out. 2023.
- FERREIRA, João da Silva. **A importância da geografia cultural na leitura de vida do povo: Os Grupos de Danças na Festa Nossa Senhora do Rosário- Um Estudo de Caso**. Universidade Estadual Da Paraíba- Pombal – PB, 2014.
- FIGUEREDO, Mércia Maria da Silva. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário: Pombal – PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) Universidade Estadual da Paraíba, 2014, Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/8110/1/PDF%20-%20M%C3%A9rcia%20Maria%20da%20Silva%20Figueredo.pdf> Data de acesso: 29 de set. 2023.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 7ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MARTINS, Alan Christian Pedroso; IWASHITA, Pedro K. SINCRETISMO: UMA RELAÇÃO ENTRE O CATOLICISMO E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS (Syncretism: a relationship between Catholicism and Afro-Brazilian religions). **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. Vol. 11, n. 20, jul/dez, 2017, p. 38-54.

MATTOSO, Katia M. de Queiros. **Bahia (século XIX): Uma província no Império**. Ed. Nova Fronteira, 1992.

MORAES, A. C. R. O sertão: um “outro” geográfico. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. “Euclides da Cunha”. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002.

NOGUEIRA, João Lucas Vieira. Arquitetura barroco-mestiça no sertão do Ceará: a igreja de São Sebastião de José de Alencar. **Revista Interdisciplinar**, Fortaleza-CE, V. 8 N. 1, 2023.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PINTO, L. M. S. **Dicionário da Língua Brasileira**. Lisboa: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: < http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edic_ao/3>. Acesso em: 24 fev. 2013.

POMBAL, Prefeitura Municipal de Pombal, 2023. Disponível em <https://www.pombal.pb.gov.br/pombal-celebra-na-festa-do-rosario-os-300-anos-da-igreja-de-nossa-senhora-do-rosario/>

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 7-33.

ROCHA; Claud Kirmayr da Silva. **Quilombo dos Daniel: a memória como identidade e territorialidade no espaço urbano de Pombal**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG CENTRO DE HUMANIDADES – CH UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHis PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH-Campina Grande – PB 2021.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, p. 353-381, 2018.

SANTOS, Segiefredo Rufino dos. ESCRAVIDÃO NO SERTÃO DA PARAHYBA DO NORTE (POMBAL): AS RELAÇÕES ENTRE SENHORES ESCRAVOS – SÉCULO XIX. **XXVII Simpósio Nacional de História** – Natal-RN 2013.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O Velho Arraial de Piranhas (Pombal) no centenário da sua elevação a cidade**. João Pessoa: Gráfica A Imprensa, 1962.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O Velho Arraial de Piranhas, segunda edição, revisada e ampliada**. Editora Grafset. João Pessoa, 2004.

SILVA, A. M. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typographia, 1789. Disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00299210>>. Acesso em: 24 fev. 2013.

SILVA, Everson Moura da. **Botas fora de tua alma os teus pecados? Batismo e compadrio de escravizados em Cajazeiras (1859-1870)**. TCC – UACS-CFP-UFCG, Cajazeiras, 2023. 70f.

SOARES, Mariza Carvalho. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro do século XVIII**. Civilização Brasileira, 2000.

SOARES, Maria Simone Moraes; FILHA. Maria Berthilde Moura. O SERTÃO DA PARAÍBA NO SÉCULO XVIII: representações espacial e imagética. **Inter Scientia**, João Pessoa, v.1, n.2, p. 84-99, maio/ago, 2013.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **A Trajetória Política de Pombal**. Editora Imprell. João Pessoa, 1999.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **Um olhar sobre Pombal antigo (1906-1970)**. João Pessoa-PB: A União, 2002.

THORNTON, John Kelly. **A África e os Africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VIEIRA, Erykles Natanael de Lima. HUMANIZAR OU BUROCRATIZAR (?): ARQUEAMENTO DAS EMBARCAÇÕES EMPREGADAS NO TRANSPORTE DE CATIVOS DE ANGOLA E COSTA DA MINA PARA A CAPITANIA DE PERNAMBUCO EM FINS DO SÉCULO XVIII. **Anais Anpuh- Brasil - 31ª Simpósio Nacional de História**. Rio de Janeiro-RJ, 2021.